

Francisco Alves Rodello

**Nikolas Ferreira e a (auto)identificação de uma
juventude conservadora**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2023

Francisco Alves Rodello

Nikolas Ferreira e a (auto)identificação de uma juventude conservado

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Mariana Lopes Bretas

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2023



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Monografia intitulada Nikolas ferreira e o (auto)reconhecimento de uma juventude conservadora, de autoria do estudante Francisco Alves Rodello, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Mariana Lopes Bretas– Orientadora

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Henrique Mazetti
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Rennan Mafra
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer imensamente a minha querida avó, Dona Cleusa *in memorian*, que me fez desenvolver uma grande sensibilidade com a questão social. Foi um privilégio ter uma avó tão diferente das demais, dona de uma biblioteca ímpar e muito avançada a seu tempo. Formada em serviço social pela PUC-SP e com mestrado pela USP, tive um diferencial de ter uma avó que me pode transmitir tanto conhecimento, que partilha um amor conjunto pelas ciências humanas. Mas que também tinha aquele amor de vó que quando ligava para ela só conseguia sair depois de 3 horas de chamada. Com ela desenvolvi meus gostos por museus, pelas artes plásticas e pelo cinema. Mas o que mais me admirava era seu tato por ficar do lado sempre dos oprimidos e dos explorados, por sempre sentir que o mundo estava errado.

Continuo agradecendo meu avô Evandro *in memorian*, que em sua calma sempre esteve presente na minha vida de sua forma. Era um sujeito calado, quieto, mas muito calmo, consigo contar no dedo as vezes que vi ele sair de si. Possuía muitas contradições, que por sua vez eram ele mesmo indo contra si mesmo, sempre considerei isso muito engraçado. Uma pessoa que passou por tanto sofrimento, sempre se aliou com seus próprios inimigos. Apesar disso, sempre teve um bom humor, fazia questão de me levar em passeios onde compartilhava seu maior amor, a pesca. Talvez nesse hábito que desenvolveu a calma, que sempre tentava transmitir quando me levava para pescar, pois a regra número um do pescador é a paciência. Com uma cozinha espetacular, meu avô foi esse sujeito boêmio, engraçado e com uma paz inexplicável. Faço aqui minhas desculpas a ele também, pois não consegui realizar seu último desejo de gravar suas músicas compostas, devido a sua partida logo posterior a esse pedido.

Agradeço dessa vez meus pais, duas pessoas que me formaram. Minha mãe uma figura ímpar, uma gladiadora contra a “caretisse”, que puxou o dote culinário do pai, fazendo eu comer as mais diferentes comidas de tudo aquilo que a terra dá. Também é dona de uma sensibilidade social que é muito difícil de conceber entre outras pessoas. Minha mãe é assim diferente das outras, não é uma mãe comum, pois sempre me colocou no lugar de ensinamentos para não ser uma pessoa misógina, homofóbica, racista e outros preconceitos que podemos desenvolver neste mundo tão opressor. Meu pai por sua vez, que apesar de ser

Um engenheiro, sempre foi de humanas, seu amor pela música, pelo cinema nacional e pelos signos nacionais jamais poderiam pertencer a um simples engenheiro. Apesar de ser um paulista, talvez ele tenha sempre rejeitado São Paulo, sempre gostou mesmo é do Terceiro Mundo, desses lugares aí que ninguém quer ir, mas sempre teve um olhar afinado para a cultura, compartilhando comigo esse amor pela cultura popular, através de seus discos e suas moradas por esse terceiro mundo. Agradeço o restos dos meus entes familiares, como minhas tias, minhas tias avós e meus irmãos que por falta de espaço não posso me delongar em suas homenagens, mas são igualmente importantes

Agradeço também a orientadora desse trabalho Mariana Bretas, em que cultivei grande parceria em minha graduação. Em que em várias reuniões que tivemos, em que passávamos horas, para discutir assuntos desde monografia, as monitorias que participei com ela, passamos todas essas horas discutindo assuntos que não tangenciam nem de perto o que era o motivo das reuniões, falávamos sobre o que nos incomodava no mundo, trocamos referências dos mundos das artes e dividimos opiniões polêmicas que dificilmente outros alunos ou professores poderiam compreender. Agradeço por não apenas ser minha professora, orientadora, mas uma grande amiga que cultivei profundamente admiração.

Termino aqui falando novamente de família, mas não essa família que somos obrigados a conviver, essa família que escolhemos e que escolhem a gente. Se não fosse essa família composta de amigos, não seria esta pessoa que vos fala. Passamos por tanta coisa nesse início de vida adulta que ter esses companheiros de lado faz toda a diferença. Nos desesperamos juntos, sorrimos juntos, choramos juntos. No momento que escrevo isso, posso estar mais distante ou próximo de alguns, mas isso não muda o fato de todos morarem dentro do meu coração e serem pessoas que quero levar para vida e moram dentro do meu coração. em especial queria agradecer, a duas meninas que ocupam um condomínio da ladeira dos operários, onde me acolheram e me fizeram sentir quase um segundo lar. Agradeço também a um menino que em uma casa tão pequena no meio da Av. P.H. Rolfs coube a tanta gente, definitivamente quem diz que duas massas não ocupam o mesmo espaço nunca foi ao 1002. Lá encontraram tantos outros amigos, os quais carrego até hoje junto com esse ocupante desse apartamento. Agradeço aos meus amigos que no final dessa jornada me apoiaram na empreitada de DJ, em especial àquele que foi minha dupla e ainda é atrás das pick-ups. Agradeço aos camaradas do Partido Comunista Brasileiro e aos movimentos da agroecologia, em especial o ECOA, foram fundamentais para as reflexões em torno desse trabalho. Alguns já não se encontram mais em Viçosa, outros estão querendo sair daqui, mas espero encarecidamente que o destino nos una novamente.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha companheira. Uma pessoa tímida que foi chegando na minha vida no final deste processo, mas que já estamos a um ano juntos, um ano em que no presente momento, passamos por uma fase que não pudemos nos encontrar, mas que compreendeu o momento e sempre tive seu apoio. O que nos uniu foi um grande amor pela música brasileira, mas também um encontro inesperado, que fez o que fez, e aqui estamos ainda hoje juntos.

Viçosa, 21 de novembro de 2023.

RESUMO:

No ano de 2022 o Brasil realizou eleições para cargos federais e estaduais. Neste contexto um jovem se destacou no âmbito de Minas Gerais com uma votação recorde, sendo o deputado federal mais votado da história de Minas Gerais. Nikolas Ferreira, 26, é um jovem mineiro que hoje tem protagonismo representando um setor conservador da sociedade mineira. Inclusive com grande participação de parcela da juventude. O presente trabalho busca entender a associação entre esses jovens conservadores com a figura de Nikolas Ferreira. Buscando entender os processos de identificação entre ele e a juventude, a partir de um prisma de suas pautas morais e religiosas. Mostrando ainda uma grande força, a figura de Nikolas é hoje para a extrema-direita um dos seus principais representantes para sua renovação, logo nosso objetivo é compreender como estes processos se dão e quais suas perspectivas para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE:

Nikolas Ferreira; Juventude; Identidade; Crise; Política

RESUMEN:

En el año 2022, Brasil llevó a cabo elecciones para cargos federales y estatales. En este contexto, un joven destacó en el ámbito de Minas Gerais con una votación récord, convirtiéndose en el diputado federal más votado en la historia de Minas Gerais. Nikolas Ferreira, de 26 años, es un joven minero que actualmente tiene protagonismo representando a un sector conservador de la sociedad minera, con una notable participación de la juventud. Este trabajo tiene como objetivo comprender la asociación entre estos jóvenes conservadores y la figura de Nikolas Ferreira, buscando entender los procesos de identificación entre él y la juventud desde la perspectiva de sus agendas morales y religiosas. Demostrando aún más su influencia, la figura de Nikolas es considerada hoy en día por la extrema derecha como uno de sus principales representantes para su renovación. Por lo tanto, nuestro objetivo es comprender cómo se desarrollan estos procesos y cuáles son sus perspectivas para el futuro.

PALABRAS CLAVE:

Nikolas Ferreira; Juventud; Identidad; Crisis; Política

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – Nikolas Ferreira e a identidade do jovem conservador no século XXI	16
1.1 O jogo das identidades brasileiras.....	16
1.2 A queda do sujeito moderno.....	19
1.3 O esclarecimento do Sujeito.....	23
CAPÍTULO 2 – A crise da identidade em contraste com a crise do capital	27
2.1 O liberalismo e sua insuficiência crítica a realidade.....	27
2.2 A crise e a formação do jovem conservador.....	31
CAPÍTULO 3 – A Semiótica enquanto método analítico da figura de Nikolas Ferreira	35
3.1 Considerações acerca do método semiótico.....	36
3.2 Nikolas Ferreira enquanto um objeto semiótico.....	38
3.3 A construção Simbólica de Nikolas Ferreira.....	41
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 causou diversas transformações sociais. Os jovens, sobretudo, foram os mais afetados pela falta de convívio social, com escolas e faculdades fechadas, esse grupo foi empurrado ao ambiente digital. Essa realidade traz alguns processos em torno do processo de formação da identidade dessa juventude, principalmente a partir de uma ótica à luz das disputas políticas travadas no Brasil.

Nesse sentido, o processo de avanço do projeto neoliberal no Brasil se mostrou evidente durante a pandemia. Inclui-se a aceleração de privatizações, fim de direitos trabalhistas e cortes em áreas como saúde e educação, um ataque às áreas das artes e cultura, além de uma falta de perspectiva de empregabilidade e futuro assolam nossa juventude.

A extrema-direita foi responsável pela radicalização do avanço do projeto neoliberal. Mas com uma característica particular que difere de outros fenômenos políticos: a defesa intransigente de pautas morais com discursos racistas, anti-LGBT, contra a regulamentação do aborto e das drogas de modo geral, com um forte seio no fundamentalismo religioso e de defesa das forças armadas. Assim se constitui o chamado “bolsonarismo”.

O bolsonarismo, se alimenta do pânico moral para comunicação e radicalização de suas bases. Em geral, se baseando em uma plataforma religiosa com grande aproximação de igrejas evangélicas neopentecostais, porém ecoando também em outros discursos radicais cristãos.

Apesar do candidato à presidência Jair Bolsonaro (Partido Liberal) ter sido derrotado por Lula (Partido dos Trabalhadores) nas eleições de 2022, o bolsonarismo permanece vivo e com grande capilaridade nos variados setores da sociedade. Prova disso é que apesar de perderem a cadeira da presidência, conseguiram a maior bancada do Congresso Nacional, com 99 deputados¹ eleitos e também a maior bancada do Senado com 14 senadores². Esses dados mostram que não apenas continuam presentes, mas com inserção institucional e mobilizados politicamente.

O movimento conservador têm ganhado força também defendendo a atuação violenta da polícia, uma política armamentista e a partir de dogmas cristãos com representantes em todos os estados da união, com mais ou menos força.

¹ Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/911504-pl-desponta-como-maior-bancada-da-camara-seguido-pela-federacao-o-liderada-pelo-pt/> Acesso em 21 de ago. de 2023

² Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/03/pl-faz-a-maior-bancada-do-senado-psd-e-o-segundo-maior-partido>. Acesso em: 21 de ago. de 2023.

Nesse contexto, a juventude também está inserida nessa perspectiva de polarização política. Esse ataque moral da extrema-direita afeta também o universo dos jovens brasileiros. Isso fica evidente na investida contra a educação, defendendo o ensino religioso nas escolas, o aumento de escolas cívico-militares e a oposição ao chamado marxismo cultural, denunciando a suposta existência de ensino de ideologia de gênero nas escolas, a defesa radical de temas como escola sem partido e o ataque ao campo das artes.

A juventude brasileira atual passou por diversas transformações nos últimos anos. Verificou-se um aumento do número de jovens evangélicos, conforme Rodolfo Claper em uma reportagem da revista *Veja*³, baseada em uma pesquisa do Instituto Datafolha, publicada em 2016, 3 a cada 10 jovens brasileiros são protestantes.

Em reportagem da *Globo News*⁴, no programa “Em Pauta”, é analisada uma pesquisa de opinião do Instituto Ipea sobre o que pensa o homem brasileiro em diversas faixas etárias. No tema “se lidaria bem com um filho homossexual?” A faixa etária entre 18 e 24 anos foi a mais conservadora, com apenas 54,2% dos entrevistados respondendo que sim, ante 67% de faixa etária entre 25 e 34 anos. Também mostram que a faixa etária mais jovem apoiam menos pautas feministas, com 27,7% de aprovação, abaixo da média dos homens de 33,8%. A importância da virgindade feminina antes do casamento é de importância para 51% dos jovens, ante 44% na média entre os homens. 60% dos jovens também consideram importante obter uma arma de fogo contra 48% na média entre todos os homens.

Dessa forma notamos que existe um problema no universo masculino. E esse movimento adentra os jovens na busca da reconstrução da identidade desse homem moderno, que se compõe enquanto sujeito do projeto capitalista clássico. Isso cria no campo comunicacional um processo de identificação dessa juventude masculina nas personalidades conservadoras.

É nessa configuração que em Minas Gerais, precisamente na cidade de Belo Horizonte (BH), a capital mineira, surge uma figura desse movimento bolsonarista, com grande popularidade e grande mobilização. O atual deputado federal e ex-vereador Nikolas Ferreira, de 26 anos, também é parte dessa juventude.

³ Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-a-juventude-brasileira-esta-se-tornando-cada-vez-mais-e-vangelica>. Acesso em: 21 de ago. de 2023.

⁴ Disponível em: G1. Em pauta. Vídeo 1 minuto e 41 segundos. 11 de maio de 2022.

<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/jovens-conservadores-pesquisa-mostra-maior-rejeicao-a-homossexuais-e-feminismo-10567341.ghtml>. Acesso em: 21 de ago. de 2023

Podemos ver nele a representação desse jovem neoconservador do século XXI. O fenômeno da popularidade de Nikolas só é possível em um terreno no qual o conservadorismo, sobretudo em pautas morais, é fértil para seu crescimento.

Nikolas foi eleito o deputado federal mais votado do país e de Minas Gerais, com 1,4 milhão de votos, claramente com uma participação da juventude em sua campanha eleitoral. Antes, era destaque na Câmara de Vereadores de Belo Horizonte, que apesar de não ter sido eleito com essa larga margem eleitoral, ganhou destaque colecionando polêmicas em sua atuação.

A Figura de Nikolas sintetiza como o conservadorismo tomou conta a partir da ideologia de parcela da população do país, além de mostrar como Minas Gerais ainda é um estado que em pauta política é historicamente conservadora. Ele representa o arquétipo do jovem conservador mineiro.

As mídias sociais se mostram uma plataforma ímpar de proliferação desse conteúdo de viés conservador. Visto que a principal plataforma de campanha de Nikolas foram as redes sociais. Num cenário de pandemia onde a maioria da juventude estava em casa e o único espaço de socialização com o outro era a internet, mostra-se que boa parte dela encontrou espaços conservadores da internet.

Trata-se, portanto, de um fenômeno que possui organização social complexa, com amplos mecanismos de comunicação destinada à população. E hoje, têm como seu principal representante, no estado de Minas Gerais, um jovem de 26 anos.

Dessa forma, esse fenômeno toma forma afetiva, visto que esse grupo é organizado a partir de reconhecimentos na figura de Nikolas Ferreira. Esses grupos se compreendem na figura de Nikolas e depositam neles seus anseios e visões de mundos atreladas à sua persona através das vias de comunicação em que ele ocupa.

O presente trabalho tem em vista entender como a figura de um deputado jovem, conservador e com grande capacidade de mobilização, forma um objeto de reflexo da construção do próprio jovem mineiro. Jovem esse colocado em contextos de socialização que geram figuras do tipo.

Todos esses indicativos, nos contam de um presente arquétipo de um jovem conservador. Ele é geralmente guiado por um patriotismo em abstrato, muito calcado na defesa das forças armadas, e de valores estabelecidos pelo chamado ocidente, calcados nessa plataforma da moralidade, além de uma oposição a partidos e movimentos de esquerda de modo geral, em especial ao Partido dos Trabalhadores (PT).

O que não é calculado nessa presente latência dos movimentos de extrema-direita e conservadores, é quais sequelas ele deixa na sociedade brasileira? Os filhos desses conservadores, como eles se formam nesse contexto? Qual a perpetuação histórica esse movimento irá passar?

Isso nos leva a pensar como será o pensamento das futuras gerações, diante dessas plataformas de muito crescimento do conservadorismo brasileiro. Além disso, como a crise do capitalismo brasileiro impulsiona esse conservadorismo na sociedade, ou melhor, como esse movimento se aproveita dela para seu crescimento.

Nikolas, é um deputado que tem principalmente uma atuação nas redes sociais, tendo um conteúdo que mistura humor e religião, com uma radical posição anti-esquerda, radicalizando sua base, numa chamada “guerra cultural”, criando um paradigma no qual o cristianismo estivesse em perseguição no Brasil, mesmo que o Brasil já mostra um notório crescimento das religiões evangélicas.

Tudo isso quando pensamos em processos de identificação, nos deparamos com diversas questões sobre as juventudes inseridas nesses movimentos conservadores, e como são esses processos de identificação nessa população.

Por isso este presente trabalho, visa realizar uma reflexão, sobre como o jovem brasileiro imerso nessa realidade é moldado, usando o objeto do atual deputado federal Nikolas Ferreira, sendo um evidente exemplo de jovem conservador. Ou seja, nosso interesse primordial é a figura da juventude, entendendo o deputado Nikolas Ferreira como um representante desse fenômeno de conservadorismo dentro da juventude brasileira.

O objetivo deste escrito é compreender os processos de identificação que se formam a partir de um efervescente crescimento do conservadorismo no Brasil, gerando essa identificação do sujeito moderno com esse radicalismo, formando esse jovem apegado às tradições.

Outro horizonte posto é entender os processos discursivos no discurso do jovem deputado. Entender como ele mobiliza sua base e como se dirige sobretudo a juventude que nele deposita seus anseios.

Logo temos buscamos um entendimento palpável de como os afetos são mobilizados em torno de suas causas, qual a dimensão afetiva em que se dá o motor de ação entre a comunicação direta de Ferreira ao seu eleitorado.

Entendendo, portanto, esse fenômeno como parte de uma crise do capitalismo brasileiro, tendo uma compreensão também como um problema de caráter estético, da figura masculina, do sujeito moderno e do próprio caráter do Estado Democrático de Direito.

Essa compreensão nos leva à crise das instituições do mundo moderno, identificando uma falta de solução pela via institucional, visto que o estado não lida com o problema em

uma resposta aceitável. Visto que, o espectro político em oposição a esse movimento, sobretudo partidos de esquerda progressistas e socialistas, que sempre tiveram uma tendência anti-sistêmica, foram empurrados para a defesa da institucionalidade e do “Estado democrático de Direito”. Não compreendendo o anseio por transformação, capturado pela extrema-direita. Mas o fenômeno em questão não é centralmente esse, pois historicamente a população sempre esteve organizada em diversas pautas, mas sim esse sequestro de mobilização popular em torno de um anti-sistêmico invertido, em que cria uma compreensão de realidade diametralmente oposta, ao reivindicarem os valores do chamado ocidente, quando ela é a própria ordem posta, porém se torce isso a ponto de dizer que essa ordem é do sul global e dos ditos “comunistas”.

Dessa forma é um desejo a compreensão, desse discurso na figura de Nikolas, e de onde vêm essa insatisfação torcida com a realidade material, que se apresenta como opressão a grupos oprimidos e marginalizados, populações a qual já sofrem de um histórico de ataques contra a própria existência.

Tudo isso formando um trabalho que entenda esse fenômeno a partir da noção de identidade, da luta de classes e da crise do capital como elementos fundantes dessa realidade que se apresenta em determinado momento.

O problema em questão se demonstra de importância singular na atual conjuntura política e nos ramos que os novos meios de comunicação digital têm tomado. Nikolas Ferreira representa esse movimento de ascensão da extrema-direita, presente numa juventude cada vez mais influenciada por essas figuras conservadoras.

Outro fato que denota a importância do fenômeno desse deputado é a captura de um desejo de transformação social no cenário social do Brasil. Com a esquerda institucional minada pela grande mídia, e a esquerda de modo geral incapacitada de captar esse sentimento de transformação e de renovar seu projeto para o país, a extrema-direita encontrou uma fértil lacuna para preenchimento dos afetos políticos envolvidos.

⁵ Disponível em:

<https://portal.cfm.org.br/eventos/taxa-de-suicidio-cresce-43-em-uma-decada-no-brasil/#:~:text=Os%20casos%20de%20suicidio%20aumentaram,mil%20adolescentes%20para%206%2C4>. Acesso em: 21 de ago. de 2023

Podemos observar que o objetivo desses grupos é questionar a realidade atual a partir de um passado imagético. No caso do Brasil, esses conservadores têm de além de uma reivindicação de categorias morais que agora estariam em transformação, mas também um clamor pelo “legado” da ditadura empresarial-militar brasileira.

Em um país que encontra dificuldades de discutir o seu passado recente, figuras como Nikolas, encontram um ótimo cenário para a disputa de significados desse passado, que se concebe no presente. Ademais em populações jovens que desconhecem o que realmente a ditadura empresarial-militar foi.

Isso mostra como nossos jovens estão cada vez mais imersos em um turbilhão de informação que não é factível. A disputa sobre as noções de realidade só pode ser travada a partir de um sentimento de ódio ao presente. Reforçando o caráter afetivo dessa disputa, ela também se dá no campo das emoções.

Um relatório da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) revela que 67% dos jovens de 15 anos, nos 79 países pesquisados, não sabem diferenciar um fato de uma opinião⁶. Isso é um dado claro da influência das redes sociais na formação política dos jovens, visto que são jovens que cresceram com a presença massiva de telas e redes sociais.

Aqui se torna claro, como o terreno das redes sociais, visto que essa geração foi criada a partir da presença dela, é muito frutífero para uma disputa de narrativas e significados. Quando trazidos para uma dimensão afetiva, isso fica mais evidente, pois essa comunicação se realiza a partir de processos de identificação, ou seja, esses jovens acreditam em quem eles se identificam no meio digital.

Ademais, a investigação a partir da ótica comunicacional de Nikolas Ferreira, é importante para esclarecer como opera esse indivíduo em seus grupos de influência, a que ele tem presença massiva nas igrejas, sobretudo evangélicas e neopentecostais⁷, e demais grupos da sociedade.

Ele apresenta um legado na atuação da câmara de vereadores de polêmicas, desde ataques a minorias a sua oposição a vereadores de esquerda. Em especial, Nikolas, se destacou pela sua rivalização com a também atual deputada federal Duda Salabert (PDT) a

⁶Disponível em:

em:<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/06/67percent-dos-estudantes-de-15-anos-do-brasil-nao-sabem-diferenciar-fatos-de-opinioes-afirma-relatorio-da-ocde.ghtml> Acesso em: 21 de ago. de 2023.

⁷ Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-a-juventude-brasileira-esta-se-tornando-cada-vez-mais-evangélica>. Acesso em: 21 de ago. 2023.

qual é travesti com destaque nas lutas por essas pautas e demais defesas da comunidade LGBTQIAPN+ e. Em sua vereança, colecionou falas transfóbicas contra a vereadora, se recusando inclusive em a chamar pelo pronome adequado⁸.

Mais recentemente, Nikolas, se destacou por uma polêmica no Dia Internacional das Mulheres, por utilizar do seu tempo de fala vestindo uma peruca e atacando as identidades transexuais, afirmando: “Mulheres têm perdido espaço para homens que se sentem mulher”⁹. Dessa forma, o deputado demonstra como se aproveita das vulnerabilidades das identidades minoritárias para atacá-lás, mantendo sua base mobilizada em torno de questões morais.

Outra prova recente de sua mobilização em torno de pautas morais, utilizando de uma política afetiva do ódio, é a recente aprovação de um projeto de lei na câmara de vereadores de Belo Horizonte que proíbe o ensino de linguagem neutra nas escolas municipais¹⁰.

Todo esse panorama da figura de Nikolas Ferreira, demonstra que ele é uma personalidade ativa, com grande relevância, demonstrando a importância de se investigar e debruçar sobre o fenômeno de seu movimento. Nikolas se mostra hoje um dos maiores expoentes do conservadorismo jovem do século XXI em Minas Gerais e no Brasil.

Ademais, com um forte movimento conservador vivo, uma passividade de seu enfrentamento nos meios políticos e sociais, é algo que através da figura de Nikolas é possível de ser entendido como se opera esse mecanismo, quais suas consequências, fins e como se concebeu. Sobretudo a dimensão afetiva desse fenômeno é muito relevante, pois nelas encontramos o sufoco do presente, a ansiedade do futuro e a nostalgia. Além disso, fazem parte de todo processo político comunicacional, dito isso devem ser vistas como parte do universo político que são concebidas e não apenas biologizadas.

Há também um forte elemento ideológico em questão, como que com às vezes discursos contraditórios a elas mesmas, a juventude apoia pautas morais evocadas pela figura de Nikolas? Há também um forte componente de evocação de uma liberdade em sentido abstrato por essas figuras conservadoras, utilizam desse discurso dizendo que o “inimigo” irá

⁸ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/nikolas-ferreira-e-condenado-por-transfobia-contraduda-sal-abert-e-tera-que-pagar-indenizacao-de-r-80-mil.ghtml>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

⁹ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-veste-peruca-na-camara-e-diz-mulheres-estao-perdendo-espaço-para-homens-que-se-sentem-mulheres>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

¹⁰ Disponível

em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/belo-horizonte-aprova-lei-que-proibe-uso-de-pronome-neutro-em-escolas/>. Acesso em 21 de ago. 2023.

tomar sua liberdade. Elemento de importante análise a partir da ótica comunicacional desses discursos e como isso nos afeta corporalmente, a partir dessa dimensão do corpo político, como mostra a citação abaixo:

Todavia, é necessário respeitar as limitações da nossa análise, Nikolas não é apenas um fenômeno jovem, nem sequer isolado. Mas com certeza é um dos fenômenos de mais relevância no braço político conservador de Minas Gerais e do Brasil. A partir da compreensão desse fenômeno na juventude, esse estudo poderá contribuir para futuros estudos do movimento o qual compõe que se demonstra ainda muito latente na sociedade mineira, no Brasil e no mundo de modo geral.

Começamos então esse trabalho abordando então o tema da identidade, ele tem um papel centralizador neste escrito por ser nessa categoria que nos debruçamos durante todo o nossas reflexões aqui. Depois entenderemos como é a operação destes grupos dentro de uma estrutura monopolista de comunicação das igrejas.

No segundo capítulo fazemos o esforço de compreender o fenômeno de Nikolas Ferreira a partir de uma visão materialista do capitalismo brasileiro, olhando para os processos históricos do capitalismo, bem como sua conjuntura de crise.

Já no terceiro capítulo, iremos trazer uma leitura semiótica da figura de Ferreira, que se apresenta como uma ferramenta para análise de fenômenos políticos-culturais. Portanto começamos aqui esse debate:

1. CAPÍTULO: Nikolas Ferreira e o jovem conservador no século XXI

1.1 O jogo das identidades brasileiras

Nikolas Ferreira, tem um importante papel para a extrema-direita brasileira: a disputa de narrativas entre a juventude brasileira. Um movimento que não se renova está fadado a perecer pelo tempo, visto que o vácuo de liderança é um desagregador para a perpetuação histórica de um movimento. A própria ala ultra-conservadora da política ficou uma década sem expressão real, até ressurgirem em 2013.

O interesse com a juventude é sobretudo aliado a isso, a uma perpetuação das forças discursivas conservadoras nas massas de jovens brasileiros. Logicamente isso cria um perfil político-social entre esses jovens.

Nikolas Ferreira já se posicionou abertamente pelas demandas da juventude. Em fevereiro deste ano, em suas redes sociais, Nikolas publicou um vídeo, no qual fazia uma

campanha pela criação da Frente Parlamentar pela Juventude¹¹. Demonstrando uma real aproximação com essa parcela da sociedade.

O jovem de formado hoje na cultura capitalista é inundado de uma referência de dominação capitalista que é ao invés de tempos passados em que ela era imposta discursivamente, pelo medo, pelo ataque e por formas negativas. Hoje ela está em uma fase de dominação da positividade. Esse discurso sedutor, propositivo, que mobiliza individualmente cada sujeito, em torno da sua própria vida.

“A violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual. Baudrillard aponta claramente para essa violência da positividade quando escreve sobre o igual: “Quem vive do igual, também perece pelo igual”[4]. Baudrillard fala igualmente da “obesidade de todos os sistemas atuais”, do sistema de informação, do sistema de comunicação e do sistema de produção.” (HAN, Byung-chul, 2015,p.10)

O pensamento de Han, nos abre essa perspectiva da positividade enquanto característica do domínio capitalista moderno. Essa positividade é sobretudo violenta, pois ela faz o sujeito fazer-se de um autoflagelo, ou seja, ele não compreende a condição de explorado, ele se entende a partir de uma condição idealista de um sujeito dono de si, dotado de própria capacidade, ou seja, é a maximização do entendimento de um indivíduo enquanto ser isolado, se distanciando de noções coletivas do cotidiano.

Em uma entrevista na CNN¹² logo após sua vitória nas eleições de 2022, indagado sobre a presença de muitos jovens em suas comemorações, o jornalista perguntou sobre como o deputado vê sua relação com a população jovem, dizendo, portanto, que a identificação do eleitorado jovem é a negação do desejo e a preocupação com o futuro. Colocando a questão não numa negatividade apenas, mas uma saída positiva, através do entendimento de que a abstenção do desejo vos tornaria melhores pessoas.

Em outra entrevista, essa postada no Facebook da produtora de extrema-direita Brasil Paralelo¹³, repete novamente essa proposição contra o desejo, o prazer, indaga um ódio a manifestações de entretenimento popular, cita o funk, como um gênero pornográfico, tratando apenas como uma manifestação quase que pecaminosa da vida, contudo não reconhece esse caráter em outros gêneros como o sertanejo universitário, que também fala de temas como

¹¹ Disponível em: <https://partidoliberal.org.br/nikolas-ferreira-quer-cria-a-frente-parlamentar-pela-juventude/> Acesso em: 30 de out de 2023.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAqpEuPHfZI>. Acesso em: 30 de out de 2023

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=478614646996451>. Acesso em: 30 de out de 2023

sexo, festas e demais “prazeres pecaminosos”. Mas novamente colocando essa perspectiva do jovem enquanto um ser que deveria negar os prazeres.

“Ele se positiva, liberta-se para um projeto. A mudança de sujeito para projeto, porém, não suprime as coações. Em lugar da coação estranha, surge a autocoação, que se apresenta como liberdade. Essa evolução está estreitamente ligada com as relações de produção capitalistas. A partir de um certo nível de produção, a autoexploração é essencialmente mais eficiente, muito mais produtiva que a exploração estranha, visto que caminha de mãos dadas com o sentimento da liberdade.” (HAN, Byung-Chul, 2015, p.61)

Portanto, esse discurso de negação dos prazeres, é sedutor, pois os prazeres se encontram no alívio, no sofrimento, essa ideia notoriamente cristã, de sofrimento em troca de prazeres como único prazer aceitável, é sedutora. Sedutora, pois está imersa no inconsciente coletivo, pois se a questão fosse feita a partir de uma grandeza racional, esse discurso não seria efetivo, é preciso criar esse processo de identificação discursiva com as massas, para assim então ecoar seu discurso.

Logo a sedução parte do elemento material do trabalho, aqui se entende trabalho como cotidiano e não apenas a relação de força de trabalho, mas aqui como elemento fundante da realidade. Quando colocamos a disputa desse processo de identificação na ótica do trabalho, esse discurso só tem reflexo nas massas se ele for de alguma forma congruente com o próprio cotidiano.

“O que o incomoda? O que você almeja mudar? Quais são os seus desejos? Quem você pode influenciar? Essas são as perguntas que você deve fazer todos dias, caso ainda não tenha encontrado as respostas. E, afinal, o que isso tem a ver com política? Tudo! esqueça tudo o que você sabe sobre política. Vou mostrar a você uma política diferente do que você sempre costumou ouvir. O cristão não pode olhar para uma sociedade que mata crianças no ventre e não se compadecer com isso. ignorar a empreitada de movimentos *gays* para destruir a natureza humana e nutrir o ódio pelo Evangelho é, por fim, aceitá-la. Fechar os olhos para os professores que utilizam o ambiente escolar a fim de moldar almas para o progressismo e raptá-las da igreja não é um ato de amor, mas de covardia. É mais fácil trancar-se dentro da Igreja do que enfrentar a realidade: a de estamos em guerra” (FERREIRA, Nikolas, 2023, p. n.p.)

Citando seu próprio livro, Nikolas faz um verdadeiro chamado a uma ação. Nota-se o notório uso de uma positividade transformadora na fala. É evidente seu discurso, em que aqui afirmamos pela primeira vez, é um discurso fascista, que quando removemos o elemento fascista desse discurso, notamos seu caráter de vontade de transformação a uma dita realidade. Colocamos dita,, ao ser o importante elemento que compreende estas falas num processo discursivo de embate de narrativas.

Dessa forma esse discurso coloca como problema da realidade como algo a ser combatido, colocada nessa base religiosa, a religião é um subproduto do cotidiano, ou seja, ela é moldada a partir da relação com o mesmo, logo ela como elemento fundante da narrativa, ecoa uma compreensão de luta nas massas, muito mais efetiva, pois além dela ser positiva, também compreende um de fato problema da realidade, mesmo que na negação das forças econômicas, pois isso não deve estar em pauta.

“Em 1991, o então presidente americano, Bush, ansioso por restaurar uma maioria conservadora na Suprema Corte americana, encaminhou a indicação de Clarence Thomas, um juiz negro de visões políticas conservadoras. No julgamento de Bush, os eleitores brancos (que podiam ter preconceitos em relação a um juiz negro) provavelmente apoiaram Thomas porque ele era conservador em termos da legislação de igualdade de direitos, e os eleitores negros (que apóiam políticas liberais em questões de raça) apoiariam Thomas porque ele era negro. Em síntese, o presidente estava " jogando o jogo das identidades".” (HALL, Stuart, 2007, p. 18-19)

Hall põe a questão de forma muito bem sintetizada, o que temos aqui com um deputado jovem, é o jogo das identidades em voga, a disputa de narrativa. Isto coloca como quando ele põe em voga o sujeito cristão na pauta do dia, ele traz não somente os cristãos jovens com um posicionamento mais à direita, ou evidentemente fascista, mas também uma questão para esses outros sujeitos também cristãos.

2.2 A queda do sujeito moderno

“A identidade do sujeito moderno, é aquela moldada a partir da sua realidade em concretude com as forças capitalistas. Uma das revoluções que o pensamento de Marx fez é a concepção de que os homens fazem história, mas só fazem história a partir da condição que lhe é dada” (HALL, 2007). De tal sorte que, a identidade formada nesse processo histórico, também é formada a partir das condições que lhe são dadas.

“Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo., através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo " imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo? em andamento. A identidade surge não tanto plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade

porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.” (HALL, Stuart, 2007, p. 38-39)

Essa ideia de que a identidade é algo estático ignora todos os processos históricos envolvidos para a construção da mesma. Isso explica o fenômeno de ressurreição reacionária na sociedade brasileira. Outrora esses movimentos eram constrangidos devido à evidente conquista por direitos de grupos marginalizados, feministas, LGBTQIAPN+, grupos racializados entre outros. Esses movimentos surgiram por uma fragmentação da luta política da esquerda.

Nesta ótica se criou uma noção de identidade nos movimentos sociais, ou seja, não bastava essa tentativa de se unificar essas identidades, sem entender as reverberações que cada subjetividade da vivência cotidiana trazia. Criando a necessidade de uma fragmentação para abarcar as diversas demandas desses diferentes grupos, pois apesar de uma certa coesão entre pautas, tinham uma diferente dinâmica de cada urgência que reverberam.

“Cada movimento apelava para a autenticidade sua e de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negro, o movimento antibelicista aos pacifistas e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade a identidade para cada movimento.” (HALL, 2007, p. 45)

Agora é interessante pensarmos, como que o movimento que políticos como Nikolas Ferreira fazem, é a negação da própria identidade, e a operação dessa luta como uma não identidade, reafirmando os valores desse sujeito que é masculino, branco e colonizador. Mas operando como se isso mesmo não fosse uma identidade, um processo social, mas sim a ordem e como uma máxima.

Em todos seus atos, seus discursos e suas aparições, ele coloca o discurso religioso como algo fundador de sua ação. Negando qualquer noção da laicidade do estado, ele diz:

“Durante muito tempo, os cristãos recusaram-se a fazer política. O futebol, a televisão, os filmes, toda a produção cultural era considerada “coisa do capeta”. e o capeta o que fez? Tomou-os para si. Qual foi então, o resultado dessa omissão? Estudos demonstram que 70% dos jovens cristãos que entram nas universidades abandonam sua fé. Por que isso acontece? “(FERREIRA, Nikolas, 2023, p. n.p.)

É evidente a visão de Ferreira para a identidade do jovem cristão como algo intocável, como se a mutação de sua identidade, fosse algo de explicação imaterial, nos levando a um clássico maniqueísmo entre o bem contra o mal. Se você assume que algo já é mal, ela não pode fazer o bem, logo se compreende qualquer fenômeno a partir dessa limitação.

Outra marcação importante, é o aviso de Ferreira por esse suposto dismantelamento da identidade cristã, mesmo que seu segmento de igrejas evangélicas seja o que mais cresce no país e caminha para se tornar o maior segmento religioso do Brasil¹⁴.

Essa medida cria esse chamado de conservação desse sujeito, pois seus valores estariam supostamente em risco. Isso acaba não reconhecendo a materialidade da questão da mudança de identidades.

“Com quanto mais frequência se troca de identidade, tanto mais se impulsiona a produção. A sociedade disciplinar industrial depende de uma identidade firme e imutável, enquanto que a sociedade do desempenho não industrial necessita de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção.”(HAN, Byung-Chul, 2007, p. 59)

Toda essa ordem, na verdade, é a conservação do que Foucault chama de poder disciplinar, esse poder se exerce para manter esse indivíduo produtivo. Os defensores dessa pauta, nada mais estão do que conservando essa noção, se autoflagelando, de disciplina perante a questões que permeiam essa noção do próprio sucesso pessoal.

“O objetivo do "poder disciplinar" consiste em manter "as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidade e os prazeres do indivíduo", assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas "disciplinas" das Ciências Sociais. Seu objetivo básico consiste em produzir "um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil"” (DREYFUS, RAHINOW, 1982, p. 135, apud, HALL, Stuart, 2007, p. 42)

Essa ótica gera essa forma mais branda de lidar com esse sujeito, ao depositar nele toda e qualquer responsabilidade sobre a própria vida, assim que a disciplina se molda. Na maximização de que somos donos do nosso próprio destino. Colocando um elemento universalizante nessa própria acepção.

“O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele " tempo perdido"[...]” (HALL, Stuart, 2007, p. 56)

Esse passado em que nunca se viveu, onde, teoricamente, não existiria essa realidade persecutória contra a identidade cristã, nunca foi realmente concebido, ele se dá numa disputa de narrativas sobre a memória no tempo presente, e positiva em torno de um horizonte futuro em que ele se mostra como a solução desses males.

Essa certa melancolia com o presente, a qual Walter Benjamin reflete, nos traz essa ideia da ideologia do progresso, onde a história se realiza apenas no futuro e não no agora, gerando essa apatia imobilizante em torno dos reais problemas da materialidade.

¹⁴Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo> . Acesso em: 30 de out. de 2023

Trazendo algumas Leituras de Benjamin Encontramos a seguinte questão:

“Ainda em outras palavras, se, por um lado, o autor evidencia que a história se concretiza a partir de um passado forte, quase irresistível, e que o homem pensa e atua necessariamente a partir deste horizonte, por outro, podemos entrever o seu caráter de contingência constitutivo, podemos perceber que este passado quase irresistível se origina de uma disputa entre conjuntos de sentidos distintos, e mais, que determinado protagonismo obscurece apenas momentaneamente outras perspectivas, as quais permanecem forçando uma possível diferenciação da história, e, ainda, que o próprio homem se constitui como espaço próprio à temporalização da história, pois ele é o âmbito a partir do qual se torna possível a evidênciação e intensificação de passados denegados, e, por conseguinte, a própria constituição de outros protagonismos.” (RANGEL, 2018, p. 5)

A partir dessa reflexão da realização da história a partir do pensamento de Benjamin, Rangel nos convida a essa leitura de uma disputa entre passados distintos, mas em que apenas a história se faz, a partir da concepção de real concretude desse passado glorioso no futuro. Mas a não concretude dessa alternativa e fim, nos traz a ideologia do progresso, a esse fim que não se realiza, e nos permeia com essa dinâmica onde os sujeitos constituintes, pela não visão de um desfecho do contínuo sofrimento com o presente, se torna melancólico e apático as perspectivas de mudança. Aí se dá toda a questão do desmoronamento do sujeito contemporâneo na modernidade.

“Para que a história possa ser deslocada ou transformada é preciso, então, que determinados homens recolham insinuações que advenham de passados obscurecidos, o clamor ou “afago” de determinadas realidades/ perspectivas que, em determinado momento, foram denegadas. É preciso que estes homens as acolham e as intensifiquem, a isto o filósofo alemão chama de “força messiânica”, ou ainda, a faculdade/ possibilidade humana de receber/ auscultar determinado passado denegado e de entusiasmar-se com ele, intensificando-o, levando-o à frente, tornando-o uma realidade efetiva (Wirklichkeit). Esta “força messiânica”, no entanto, é “fraca”, grifa o próprio Benjamin. Não teremos tempo, aqui, de explicitar as possibilidades de significação desta fragilidade humana no que tange à sua tarefa messiânica (ou de acolhimento e tematização de passados), de modo que anotamos a que parece mais adequada ao nosso objetivo atual. Ao explicitar, grifando, que a força messiânica é “fraca”, Benjamin está sublinhando, ao fim, que não é tarefa simples a de recolher” (RANGEL, 2018, p. 6)

Entender a configuração que se forma essa figura messiânica, a partir do pensamento benjaminiano, no qual Rangel demonstra a compreende que, para retirar o sujeito dessa constante imobilidade onde a melancolia moderna afeta esse sujeito.

É nesse contexto que entendemos Nikolas e sua figura “messiânica”, pois ele preenche esse vácuo de uma forte representação de jovens líderes com um horizonte “transformador”. Esse horizonte, de Nikolas, é demonstrado como: “O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de evento

aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés.”(BENJAMIN,1940, apud, RANGEI, 2018)

Essa catástrofe premeditada, seria a deterioração desse sujeito cristão, da perda da fé, do enfraquecimento dos valores da igreja, da queda do sujeito ocidental. A partir dessa noção negativa, ela se positiva em torno desse horizonte que é palpável de transformação.

2.3 O esclarecimento do sujeito

Nesta seção traremos uma reflexão do conceito em Adorno e Horkheimer, dois pensadores frankfurtianos, sobre a noção de esclarecimento nos moldes da sociedade moderna. Como essa ideia de esclarecimento, cria essa figura individual mítica e sobretudo ocidental, com raízes nas mitologias dos contos gregos.

“O desamparo de Ulisses diante da fúria do mar já soa como a legitimação do viajante que se enriquece à custa do nativo. Foi isso que a teoria econômica burguesa fixou posteriormente no conceito do risco: a possibilidade da ruína é a justificação moral do lucro. Do ponto de vista das sociedades de troca desenvolvidas e dos indivíduos que a compõem, as aventuras de Ulisses nada mais são que a descrição dos riscos que constituem o caminho para o sucesso.”(ADORNO, Horkheimer, 2014, p.68)

A partir dessa perspectiva, os autores da Escola de Frankfurt, nos colocam essa perspectiva da ideologia de como se transforma “A Odisseia”, uma obra grega, cria esse mito do burguês, dessa pessoa implacável contra as desavenças, que enfrenta todas as dificuldades.

Ao entendermos Nikolas Ferreira como essa figura “mítica” que abre as portas do dito esclarecimento observamos como o seu discurso órbita num universo comum, o qual encontra bastante eco na realidade. Ao transportarmos essa ótica ao discurso religioso, compreendemos como a constatação de uma suposta “perseguição religiosa”, necessita dessa figura mítica que a partir de elementos e valores burgueses e do fundamentalismo religioso. Pois a realidade é burguesa e dominada pela cultura judaico-cristã, a figura do deputado se apresenta como essa saída a esse problema.

Um dos elementos fundamentais para a construção dessa figura é a formação do deputado em uma das bases das igrejas evangélicas brasileiras. O deputado foi formado na Juventude da Igreja Batista da Lagoinha¹⁵, fundada em 1957, conta com 100 mil membros e

¹⁵ Disponível em <https://natelinha.uol.com.br/politica/2023/07/15/como-nikolas-ferreira-virou-popstar-e-adjetivo-na-igreja-batista-da-lagoinha-199514.php>. Acesso em: 30 de out de 2023

mais de 100 igrejas¹⁶, hoje é presidida pelo pastor e cantor gospel, André Valadão. Além disso, contam com uma rede de televisão e uma emissora de rádio onde o deputado, já fez participações dentro da TV falando novamente do cristão e da política.

“A razão contém enquanto ego transcendental supraindividual a Ideia de uma convivência baseada na liberdade, na qual os homens se organizem como um sujeito universal e superem o conflito entre a razão pura e a empírica na solidariedade consciente do todo. A Ideia desse convívio representa a verdadeira universalidade, a Utopia. Mas ao mesmo tempo, a razão constitui a instância do pensamento calculador que prepara o mundo para os fins da autoconservação e não conhece nenhuma outra função senão a de preparar o objeto a partir de um mero material sensorial como material para a subjugação.”(ADORNO, Horkheimer, 2014, p.86)

Os Frankfurtianos fazem aqui uma crítica a esse conceito de razão universalizante e essencializante, e ao debruçarmos sobre esse conceito, de um racionalismo exacerbado que visa esse progresso, geralmente podem-se cair em uma espécie de perda de significado e sentido. Essa perda de significado, pode ser preenchida por esse universo religioso. Sobretudo na população jovem formada dentro dessa realidade.

Nesse aspecto, quando analisamos um jovem como Nikolas Ferreira, formado na Igreja Batista de Lagoinha, que possui canais de comunicação e reprodução do seu conteúdo muito robusto, conseguimos compreender esse fenômeno imerso na cultura de massas da sociedade capitalista. A criação desses meios de comunicação para veiculação de conteúdo religioso-político, passa pelo entendimento disso enquanto um empreendimento da cultura de massas.

“Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos.”(ADORNO, Horkheimer, 2014, p.120)

A partir dessa leitura da cultura de massas, a indústria da fé, esses canais de comunicação de massa criados pela Igreja Batista da Lagoinha, ao invés de subverter essa ordem da arte, a qual Adorno e Horkheimer advogam, na verdade, ela subverte a própria noção da religião e do discurso religioso. Pois ele precisa agora ser midiático, industrial e captar fiéis. Ou seja, como Adorno bem disse, é suprimida toda a necessidade social de seus produtos em nome dos números e rendimentos. (Adorno,2014)

¹⁶ Disponível em

https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Batista_da_Lagoinha. Acesso em: 30 de out. de 2023

André Valadão, presidente e pastor da Igreja de Lagoinha, também é cantor gospel, possuindo até mesmo uma gravadora no comando da Igreja: a Lagoinha Music. Apoiou o ex-presidente Jair Bolsonaro, tendo destinado 217 mil reais a emissora de Lagoinha¹⁷. Colecionador de falas anti LGBTQIAPN+, Valadão já chegou a sugerir que é um dever cristão incentivar a morte de pessoas dessa comunidade¹⁸.

Seu interesse com política não é somente de hoje, em 2014 já apoiou Marina Silva para a presidência, com sua irmã Ana Paula Valadão dizendo abertamente que agora os “cristãos” irão disputar a política.

Todo esse panorama está sendo dado, pois essa congregação, a qual Nikolas Ferreira pertence, contém boa parte de seu discurso de sua base, mostrando que para além de uma figura surgida de forma orgânica, ele faz parte de um projeto de poder cristão:

“Desde os primórdios, o ministério da família Valadão é pautado pela Teologia do Domínio, criada para ampliar o impacto cristão na agenda social dos Estados Unidos e importada para o Brasil por meio de missionários e pregadores. Segundo a teoria, os cristãos devem dominar sete esferas da sociedade: religião, família, educação, política, mídia, artes e entretenimento e negócios.” (PETERSON, PACHECO, 2023)

Toda essa estrutura de meios de comunicação de massa, produtos de entretenimento, articulação política, fazem parte desse ambicioso projeto que busca a expansão de seus domínios e poderes. Ao passo de que podemos passar a compreender que esses canais de comunicação, da Igreja de Lagoinha e demais agremiações semelhantes, operam de formato da Indústria Cultural de massas “Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis.” (Adorno, 2014). De tal sorte que o entendimento do que se concebe por um fiel é quase do que se concebe a um cliente. É esse o valor inferido a esse fiel.

A lógica de criar estruturas comunicacionais tão robustas, com tamanho investimento, só se transforma em um mecanismo de criação discursiva em massa que visa competir dentro desse campo. Seja na política, nas artes, na cultura, na religião ou até mesmo no entretenimento. É isso que a Igreja de Lagoinha construiu.

¹⁷ Disponível em:

<https://apublica.org/2022/10/em-ano-eleitoral-tv-do-pastor-andre-valadao-recebeu-r-217-mil-do-governo/>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

¹⁸ Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2023/07/19/lagoinha-conheca-familia-valadao-cla-por-tras-da-igreja/>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

“Em seu lazer, as pessoas devem se orientar por essa unidade que caracteriza a produção. A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria.” (ADORNO, Horkheimer, 2014, p.123)

Apesar dessa análise ser sobre as produções cinematográficas da Indústria Cultural, a qual, na época de Adorno, ainda estava se formando. Hoje ela se desenvolveu de tal forma, que usa seus mecanismos para estar presente em outras searas da vida humana além das artes, como a própria religião.

Agora voltando a nossa esfera fundamental, a juventude, esse tipo de configuração quando se pensa na formação de uma pessoa neste contexto, temos um fértil crescimento de conservadorismo jovem, sendo Nikolas Ferreira um produto vitrine desse projeto de poder a partir da fé e da teologia do domínio. Imbuindo todo seu discurso nesse fértil terreno da fé que se criou no Brasil.

Prova disso é que Nikolas¹⁹ virou uma verdadeira celebridade entre os fiéis da juventude de Lagoinha. Isso se deve ao fato de um sucedido projeto de políticos que representem suas pautas no universo político-institucional. Trata-se não somente de um aparato de comunicação em massa, mas organizado por um grupo que opera como um partido político.

“As cultura ocidentais contribuíram para a emergência dessa nova concepção: a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem (sic) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada.” (HALL, Stuart, 2007, p. 25)

Esse é o ideal a ser reproduzido, mas especificamente na realidade cristã, o ponto aqui é: A concepção de moldar a realidade a partir de um olhar da centralidade do homem, imbuí esse dever para um cristão de tentar domar a realidade a seu favor, ou seja, disputar sentido em todos os aspectos da vida.

Pois ele pega essa raiz, nessa característica de domar a realidade ao seu favor. Contudo, utiliza-se de artifícios essencialistas e universalizantes da vida. Essencializasse o ideal do que é ser cristão, essencializasse a moral, ou seja, sempre se chega nos âmbitos

¹⁹ Disponível em:

<https://natelinha.uol.com.br/politica/2023/07/15/como-nikolas-ferreira-virou-popstar-e-adjetivo-na-igreja-batista-da-lagoinha-199514.php>. Acesso: em 30 de out. de 2023

discursivos nesse ideal totalizantes, mas também com um inimigo muito claro, aqueles que ocupam que estão do lado de fora.

Isso é posto de tal modo que, nessas categorias totalizadoras, essa identidade de um jovem acaba por ser também totalizadora. Então partimos dessa concepção, em que todo o caráter de alienação desse jovem — que não o faz ver as contradições inseridas nos discursos políticos-religiosos — é a partir de uma subjetividade criada a partir de um meio de comunicação de massa deste grupo.

De tal forma que a subjetividade desse próprio sujeito, jamais é vista como uma simples subjetividade, mas como um capital social, humano e político, para uma disputa aberta de sentidos e significados da própria vida material. Essa massa, apesar de ser tratada para Adorno a partir de uma lógica, de amorfização, ou seja, de algo que não reage, apenas recebe passivamente esse conteúdo, na verdade, é imersa nessa imobilização contra as contradições. Ou seja, é o capitalismo, em sua faceta do poder mais subjetiva, a religiosidade, operando na própria contradição.

CAPÍTULO 2: A crise identitária em contraste com a crise do capital

Neste capítulo serão desenvolvidas acepções críticas a partir da crise do capital em que vivemos, a partir de alguns vieses. Para isso utilizaremos a literatura do professor Alysson Mascaro, o qual é pertencente à tradição da teoria crítica marxista. Mascaro desenvolve uma relação crítica para justificar a defesa do marxismo enquanto método analítico, justamente por uma insuficiência crítica do liberalismo de entender o problema do fascismo e da extrema direita. Ele também pondera acerca de concepções não-liberais do mundo, a qual ele cita o exemplo de Foucault, contudo vamos nos ater a uma crítica ao liberalismo e a justificativa da análise do fenômeno pela leitura do materialismo histórico-dialético marxista. Ademais, para complementar o debate voltaremos nas reflexões de Stuart Hall e Byung Chul-Han, o qual ocupariam esse espaço de debate das leituras não liberais.

2.1 O Liberalismo e sua insuficiência crítica a realidade

O avanço ideológico da extrema-direita teve muitos contextos antes de serem reproduzidos em larga escala. Uma leitura de mundo que não compreende isso, mas coloca o fascismo como uma negação às acepções ditas democráticas não compreender, sendo a partir dessa estrutura que ele têm a possibilidade de se manifestar, não consegue entender como o fenômeno é concebido na realidade.

“Desde há muito, os fascismos ampliaram a desgraça das sociabilidades capitalistas pelo mundo. Se é verdade que da época de seu surgimento até hoje encontraram resistências e oposições, a maior parte das críticas ao fascismo, ao não alcançar a materialidade de suas causas, contribui para sustentar as condições de possibilidade e reafirmação de tal experiência. Mediante deslocamentos ou diluições de suas razões, assim operam as leituras liberais, que insistem nas instituições políticas e jurídicas capitalistas como salvaguarda daquilo que elas próprias contribuem para gerar. Do mesmo modo operam os moralismos, via de regra tendentes à reafirmação liberal dos raros sujeitos bons contra a maioria – banalidade do mal – ou, mesmo, quando o moralismo se apresenta com pretensões realistas – fascismo eterno.” (MASCARO, Alysson, 2022, p.19)

Isso nos leva a um terreno nebuloso, e pouco eficiente na história das ciências sociais e políticas — inclusive a comunicação — o campo de uma crítica moral da questão, que não faz uma observação crítica objetiva acerca do fenômeno que se imbuí, o fascismo. Trazendo essa leitura moralista, defendendo a realidade que está posta, ignorando um ponto debatido neste trabalho anteriormente, a do fascismo como uma alternativa sedutora. Tanto para a sociedade como para a juventude.

“Há, aqui, uma naturalização do indivíduo sob as condições do capitalismo, de tal sorte que, desde o Iluminismo moderno, despontam preocupações como aquelas da maldade ou da bondade intrínseca dos seres humanos — homem lobo do homem; homem bom corrompido pela sociedade etc.” (MASCARO,2022). Ou seja, essa leitura de mundo, não busca uma solução efetiva para o problema, mas sim deixar tudo como está. Ora, se há uma proposta transformadora da realidade, mesmo que ela seja fascista, se apresenta como sedutora — apesar de suas notórias contradições — mas ela é sedutora, ao moldar a realidade criando espantalhos factoides que mexem nesse universo da subjetividade e da inconsciência.

Nikolas Ferreira monta seus discursos, que apesar de não fazerem oposição ao liberalismo, ataca as instituições que garantem pleno funcionamento do estado burguês, pelo seu diagnóstico insuficientes para a vida humana. Ao descartar essa crítica aos princípios liberais que as moldam, ele fisga uma raiva, a qual dever-se-iam despejar sobre aqueles que sustentam as instituições, ou seja, o poder burguês, a uma ideia de que essas estivessem sendo deturpadas por uma “ideologia” de grupos minoritários que vão contra a moral cristã.

É este o argumento desenvolvido tão sedutor a essa classe de jovens que estão frustrados. Pois a ampliação do acesso à universidade com a lei de cotas, por exemplo, que apesar de mudar radicalmente o perfil visto na universidade, não enfrenta o problema de que o acesso à universidade deveria partir de um pressuposto léxico do próprio nome da instituição, deveria

ser universal. Portanto, trata-se de uma conclusão confortável dizer que as pessoas negras estão roubando suas vagas.

“Ludwig von Mises tem destaque no âmbito de tais leituras não juspositivistas de perfil reacionário sobre o fascismo. E, para isso, opera uma torção entre dois fundamentos filosóficos. Liderando um movimento teórico na economia conhecido por Escola Austríaca, orienta-se politicamente para o liberalismo. Sua obra, girando em torno da defesa de conceitos basilares para o capitalismo, como a propriedade privada e a liberdade negocial, é em grande parte uma apologia do juspositivismo e das instituições liberais que garantam a reprodução burguesa. No entanto, suas posições guardam um amálgama bastante divergente em termos principiológicos entre a defesa da liberdade e das instituições juspositivistas e a justificação de ditaduras ou do fascismo. Organiza uma espécie de justificação indulgente deste em face dos inimigos socialistas.”(MASCARO, Alysson, 2022, p. 29)

Eis aqui um exemplo de como essa trama se opera. Mises é um notório autor das escolas liberais. Com uma tradição de defesa irrestrita da propriedade privada, o professor Milton Friedman:

“A ideia fundamental desses movimentos (os quais, com base no nome do mais grandioso e ferrenhamente disciplinado deles, o italiano, podem ser designados, em geral, como fascistas) consiste na proposta de fazer uso dos mesmos métodos inescrupulosos na luta contra a Terceira Internacional, exatamente como esta faz contra seus oponentes. A Terceira Internacional visa a exterminar seus adversários e suas ideias, do mesmo modo que o sanitarista luta para exterminar um bacilo pestilento. Não se considera, de modo algum, obrigada aos termos de qualquer pacto que venha a celebrar com seus oponentes e considera permissível todo crime, toda mentira e toda calúnia, na execução de seus planos. Os fascistas, ao menos em princípio, professam as mesmas intenções. A constatação de que ainda não puderam desvencilhar-se de modo tão cabal como os bolcheviques, russos, de qualquer consideração por noções e ideias liberais e por tradicionais preceitos éticos, deve ser atribuída, tão somente, ao fato de que os fascistas atuam em países nos quais a herança intelectual e moral de milhares de anos de civilização não pode ser destruída num piscar de olhos e não entre povos bárbaros de ambos os lados dos Urais, cuja relação com a civilização nunca foi mais do que a de habitantes predadores da floresta e do deserto, acostumados a se envolverem, de tempos em tempos, em pilhagem de terras civilizadas, na caça à sua presa. Em razão desta diferença, o fascismo nunca conseguirá sucesso tão completo, como o bolchevismo russo, em se livrar, totalmente, [do] poder das ideias liberais. Foi apenas pela impressão recente, deixada pelos assassinatos e atrocidades perpetrados pelos adeptos dos soviéticos, que os alemães e italianos foram capazes de bloquear a lembrança das tradicionais restrições da justiça e da moralidade e de encontrar incentivo para represálias sangrentas. As ações dos fascistas e de outros partidos que lhe correspondiam eram reações emocionais, evocadas pela indignação com as ações perpetradas pelos bolcheviques e comunistas. Ao passar o primeiro acesso de ódio, a política por eles adotada toma um curso mais moderado e, provavelmente, será ainda mais moderado com o passar do tempo. Tal moderação resulta do fato de que os pontos de vista tradicionais do liberalismo continuam a exercer influência inconsciente sobre os fascistas.” (MISES, P.74, 1927, apud, MASCARO, Alysson, 2022, p. 30-31)

Portanto, veja bem, tece-se essa crítica ao fascismo apenas com preceitos morais, nos quais não se tocam nos objetivos de avanço imperialista os quais Mussolini advogava.

Coloca-se isso quase como um fardo necessário para se combater o socialismo, pois este se conceberia como um mal maior as sociedades.

Grande parte do discurso moldado na campanha de Nikolas Ferreira de 2022 era exatamente esse. Ele pedia votos aos políticos de extrema-direita, como ele e o ex-presidente Jair Bolsonaro, numa justificativa que esses combaterem o mal maior do Partido dos Trabalhadores. Chegando a inclusive ser atuado na justiça por veicular informações que supostamente uma ditadura comunista viria com a vitória de Lula.

Bom, em 2023 isto é tão pouco verdade, pois esse mesmo governo toca uma política a qual Mises claramente não veria com maus olhos, avanços nas políticas de austeridade e desmonte dos serviços públicos²⁰. Isto inclusive é um marco do rebaixamento da pauta da esquerda, que no século XX ocupava aí sim esse lugar anti-sistêmico.

Logo essa política austera afeta de tal forma em que a esquerda se comporta como seu próprio algoz, pois essa realidade austera se voltará para ela, pois é nela que se encontra uma grande lacuna discursiva em que a extrema direita pode capitalizar muito bem as frustrações dessa população desamparada. É nela também que se encontra a proliferação do dito fundamentalismo religioso, pois com o desmonte dos serviços públicos, algum lugar de socialização e assistência social deve preencher o lugar. É aí que entram as Igrejas, pois elas oferecem esse espaço de sociabilidade em que podem ser resolvidas pendências da vida do cotidiano, além de um próprio exercício espiritual que busca sanar os sofrimentos da materialidade.

Um jovem que se encontra desmantelado por ver que não há saída para seus problemas pelo estado, visto que as escolas são ruins, os hospitais são ruins e as universidades têm se tornado cada vez mais descartáveis, pois quase metade dos jovens com diploma não trabalham na área segundo a revista Exame²¹ claramente tem uma insatisfação gerada, mas dentro dos templos existem essas redes de sociabilidade que lhe garantem o que o estado não lhe garante.

“Dos Chicago boys que dirigiam a economia de Pinochet a Paulo Guedes e o neoliberalismo brasileiro sustentador de Bolsonaro, numa tradição que tem exemplar notável no engendramento do golpe militar de 1964, trata-se de um frequente amálgama de liberdade e repressão em variadas doses – extremas sempre

²⁰ Disponível em:

[:https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/o-governo-entre-austeridade-e-novo-projeto-nacional](https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/o-governo-entre-austeridade-e-novo-projeto-nacional).

Acesso em: 7 de nov. de 2023.

²¹ Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiWuI7Ls8SCAxWXkZUCHXJWA_EQFnoECBgQAQ&url=https%3A%2F%2Fexame.com%2Fcarreira%2Fquase-metade-dos-joven

[s-com-diploma-esta-fora-da-area-de-formacao%2F&usg=AOvVaw1Z40qdY3gMM4Uhnuy4cykL&opi=89978](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiWuI7Ls8SCAxWXkZUCHXJWA_EQFnoECBgQAQ&url=https%3A%2F%2Fexame.com%2Fcarreira%2Fquase-metade-dos-joven)

4

49. Acesso em: 7 de nov. de 2023

que necessário –, a fim de manter a reprodução do capital, a exploração e a acumulação.”
(MASCARO, Alysson, 2022, p.33)

Portanto, estas leituras de mundo, a partir da base de pensamento do liberalismo, não nos interessa neste trabalho, pois elas apenas compreendem a ordem moral do fenômeno, e não sua totalidade. Nos fazendo cair em uma defesa irresponsável do estado brasileiro, o qual tem sido muito irresponsável com seus próprios jovens.

2.2 A Crise e a formação da identidade do jovem conservador

Nesta seção iremos desenvolver o argumento de como a crise do capitalismo brasileiro criou um terreno fértil para que certos afetos negativos fossem direcionados a não ele mesmo, mas sim contra populações minoritárias e a esquerda de modo geral. Dessa forma como que a juventude criada nesse paradigma destina esses afetos é o nosso objeto de argumentação.

“Não se trata de uma crise restrita ao golpe que tira Dilma Rousseff e põe em seu lugar Michel Temer; não se trata de uma crise limitada à seletividade de Sergio Moro e da justiça brasileira, que inclina a política e as instituições à direita; trata-se de uma crise do capitalismo, de raiz econômica, que necessariamente se desdobra em contradições do Estado e do direito e se anela ao substrato da formação social pátria. As bases e os sentidos da crise brasileira são apenas mais um caso da longa história do capitalismo e sua sociabilidade de crises.”(MASCARO, Alysson, 2018, p. 19)

Logo, o entendimento dessa crise identitária como um subproduto da crise do capital, é algo de certa forma lógico. Aquilo que em 2013 culminou em manifestações, o aumento do custo de vida, redução do poder de compra e afrouxamento do consumo também virou grande motivo para que esses afetos fossem direcionados ao governo em questão, o governo Dilma.

Nessa época Nikolas Ferreira estava no fim de sua adolescência, com 17 anos, contudo, já com certeza, coletava e associava esses novos afetos criados em contraste a uma vida cada vez mais afrouxada pelo desenvolvimento do capitalismo brasileiro. De tal sorte que hoje não seria essa figura que estamos analisando sem esse cenário que foi montado, para assim capitalizar seu discurso.

“Tais movimentações históricas do capital no Brasil se fazem à custa de repressões sistemáticas ao povo, que tem um passado e um presente de lutas notáveis e enfrentamentos heroicos pontuais, mas cuja compreensão de mundo é naturalizada também por determinações do capital e por grandes aparelhos ideológicos – religiões, meios de comunicação de massa. Estes tornam as classes pobres, em linhas gerais e ressalvadas exceções, dóceis aos senhores e hostis às tentativas de progressismo.” (MASCARO, Alysson, 2018, p. 32)

A partir dessa afirmação de Mascaro, conseguimos compreender que não é produtiva a ideia de que a população que nessa onda embarca é burra, ou de certa forma tem uma

habilidade analítica menor. Mas sim a partir da acepção dos aparelhos ideológicos que permeiam essa classe que se constitui o “pobre de direita”, um termo complexo e de demasiada inutilidade, pois imputa ao oprimido uma responsabilidade, que ele não a tem, de sua própria condição de classe oprimida. Pois assim “A sabedoria orgânica de se saber mão e coração quando o capitalista é cérebro é o que modela a alma pobre e cristã dos assalariados e herdeiros dos escravos do país, à custa do ódio ao comunista, ao negro, à mulher, ao homossexual etc.” (Mascaro, 2018)

Portanto, o aperfeiçoamento do discurso antipetista, atrelado ao fundamentalismo religioso, além de uma plataforma discursiva da segurança pública, a qual atacam-se os negros e um forte sentimento anticomunista, criam esse sujeito dotado de uma frustração com a realidade tamanha, que deságua esses afetos negativos no oceano obscuro do ódio e preconceitos contra minorias.

“Portanto, em tempos como o atual, a disputa ideológica mostra-se central na luta de classes. Nas raras vezes em que a humanidade alcançou patamares de avanço social, houve intensa mobilização das massas, cuja condição de maioria ensejava a solidez para que os resultados das lutas fossem obtidos e perenizados. Há, no presente, uma crise estrutural do capitalismo, mas não há apoio de massas para processos de superação do modo de produção. Os indivíduos sofrem o capitalismo e culpam, por seu sofrimento, a ausência de fé, os governantes, os corruptos, os esquerdistas, os marxistas ou as imoralidades. A ideologia constitui o sujeito funcional para o capitalismo[15]. As poucas ocasiões em que esquerdas ganham mandatos governamentais em Estados nacionais da periferia do mundo seriam oportunidades ímpares para arejar os aparelhos que controlam a ideologia social. Exatamente por serem também informados – constituídos – pelos aparelhos ideológicos e pelas instituições políticas do capital, os agentes políticos de esquerda de hoje não tensionam nem investem contra tais grandes blocos do controle imediato das massas. Aqui estaria a principal chave que – eventualmente e a preços altos – as esquerdas têm em mãos, em tempos não revolucionários, para poder mobilizar o próprio povo. O investimento contra o controle ideológico seria a única esfera imediata passível de disputa na atualidade, na medida em que o mediato do controle das massas é a própria estrutura da sociabilidade burguesa.” (MASCARO, Alysson, 2018, p. 25-26)

Dessa forma, esses aparelhos buscam cada vez mais homogeneizar o pensamento. Logo os jovens em seu desenvolvimento de sua individualidade acabam por se tornar cada vez mais iguais à maioria.

“As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do "Terceiro Mundo", podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à "aldeia global" das novas redes de comunicação. Jeans e abrigos -o "uniforme" do jovem na cultura juvenil ocidental tão onipresentes no sudeste da Ásia quanto na Europa ou nos

Estados Unidos, não só devido ao crescimento da mercantilização em escala mundial da imagem do jovem consumidor, mas porque, com frequência, esses itens estão sendo realmente produzidos em Taiwan ou em Hong Kong ou na Coreia do Sul, para as lojas finas de Nova York, Los Angeles, Londres ou Roma. É difícil pensar na "comida indiana" como algo característico das tradições étnicas do subcontinente asiático quando há um restaurante indiano no centro de cada cidade da Grã Bretanha.” (HALL, Stuart, 2007,p. 74-75)

É por isso que o capitalismo brasileiro construiu, midiaticamente todos esses jovens são bombardeados diariamente, com um ideal de consumo que ela jamais atingirá, cria esses paradigmas que frustram esse sujeito jovem, que se vê cada vez mais tolhido de possibilidades de uma vida sem muitos problemas.

É com esse aspecto que o discurso mainstream da mídia capitalizou o ódio ao Partido dos trabalhadores, a partir de suas próprias contradições em seu projeto de governança, ou seja, a não possibilidade de embate ideológico em torno das próprias condições que a mídia impõe, não por uma natureza que não a queira, mas sim por uma chantagem midiática feita por esse setor da comunicação.

Logo, a conclusão que se passa para tal análise é que certos absurdos proferidos por Nikolas Ferreira só têm certo lastro, pois a grande mídia e o jornalismo mainstream pavimentaram o seu caminho. Ora, se não são os grandes jornais, os maiores propagadores de ódio a grupos minoritários, os defensores de um establishment da economia totalmente voltado para o desenvolvimento do dito “mercado” (lê-se aqui burguesia). Ou seja, eles moldam a opinião pública de tal forma em que o indivíduo se vê num mundo de opressões naturalizadas, que estão em sua inconsciência.

Isso explica essa imobilidade quanto a certos discursos que de certo modo são assassinos, como Nikolas Ferreira dizer que marcas são ineficientes durante a pandemia de Covid-19²². As condições de vida de um brasileiro médio o fizeram conviver com a morte, os hospitais já estavam sendo pressionados antes mesmo da pandemia ocorrer, portanto, as 700 mil pessoas que morreram durante essa assassina gestão da pandemia, defendida por políticos como Nikolas, não é um argumento mobilizante em torno dessa questão.

“Na análise do caso italiano, Gramsci percebe como Mussolini é um líder político assentado não apenas na força, mas na mobilização de afetos das massas: “Mussolini é outro exemplo de líder partidário que tem algo de profeta e de crente. Além disso, ele não é apenas chefe único de um grande partido, mas é também o chefe único de um grande Estado. O próprio Mussolini, em seu texto A doutrina do fascismo, apontava para uma tal “atitude espiritual” dos fascistas[20]. A subjetivação foi o elo fraco da corrente sobre o qual o fascismo cresceu e no qual

²² Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/12/01/interna_politica,1216399/nikolas-ferreira-viraliza-nas-r-e-des-apos-afirmar-que-mascara-nao-e-efi.shtml. Acesso em: 7 de nov. de 2023.

instaurou um vetor ideológico não coerente, mas coeso, de repressão suficiente para nova fase da reprodução capitalista.”(MASCARO, Alysson, 2022, p. 41)

Nesse caso, é esse elo de subjetivação que Nikolas também faz uso nas massas da juventude, ele cria esses mecanismos de identificação e coesão, que unem essa população a uma pauta e inimigo muito bem estabelecido. E como dito na seção anterior, não existe perspectiva de enfrentamento real destes problemas pelo mainstream discursivo, o qual é controlado por um establishment liberal, pois ao degradingolar numa questão única e exclusivamente moral — e o fascismo sendo essa ferramenta de reprodução do capital em suas crises — ele não se torna perigoso para todo o paradigma econômico, ou seja, no que realmente importa na defesa dessas pessoas.

O não enfrentamento dessa realidade econômica acarreta problemas além do material, ele também afeta esse inconsciente coletivo, que se torna dócil e descrente com seu futuro. Levando sua condição a de um mero homem laboral, mas positivamente, morando aí uma contradição ímpar de nosso tempo, em que se olha com bons olhos pela maioria da população os seus algozes.

“A perda moderna da fé, que não diz respeito apenas a Deus e ao além, mas à própria realidade, torna a vida humana radicalmente transitória. Jamais foi tão transitória como hoje. Radicalmente transitória não é apenas a vida humana, mas igualmente o mundo como tal. Nada promete duração e subsistência. Frente a essa falta do Ser surgem nervosismos e inquietações. A pertença à espécie poderia ajudar o animal que trabalha para ela a alcançar uma serenidade animalesca. Todavia, o eu pós-moderno está totalmente isolado. Também as religiões enquanto técnicas fanáticas, suprimindo o medo da morte e produzindo um sentimento de duração, tornaram-se obsoletas.” (HAN, Byun-Chul, 2015, p. 27)

Logo isso é o sentimento de desesperança entre a maioria dos jovens brasileiros, tornando esse processo de identificação com Mascaro a partir de Gramsci, bem identifica como algo coeso, mas não exatamente coerente, mas sim algo que preenche a lacuna desses afetos. “A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. (HAN, 2015)

Isso nos leva a outra categoria, o adoecimento mental da nossa juventude, que posta em uma realidade sem um futuro definido, acaba por se desaguar em um aumento das

condições de ansiedade e depressão²³. Essa ótica nos revela uma importante questão entre os jovens — que como dito no início desse trabalho vimos uma explosão da taxa de suicídio — nessa perda de sentido da vida, pois cada vez mais estão sendo estrangulados por uma força maior.

É nesse espaço de ação da perda do sentido, que ocorre também a aproximação desses jovens com figuras como Nikolas, ao ver nele exemplo de alguém que superou essas adversidades, e adquiriu esse certo sentido. Para esse jovem esse sentido se materializa na própria concepção de Deus. É nessa categoria religiosa, que os afetos e o sentido se formam para muitos jovens que se encontram dentro desse panorama conservador. Esse é preço que se faz a destruição dos serviços públicos.

“Por fim, a conta da explosão das contradições sociais nas áreas de saúde, educação e segurança pública ainda não foi cobrada. Pelos próximos anos, reclamamos pela atuação estatal – que variam entre as políticas do bem-estar para os serviços sociais e o fascismo para a segurança – revelarão a impossibilidade de sustentação do amálgama entre a condução econômica pelo capital financeiro internacional e nacional e a deriva social de inspiração ideológica regressista.”(MASCARO, Alysson, 2018, p. 37)

É isso que essa regressão ideológica construiu durante todos esses anos, quando Mascaro faz essa premonição, ele olha justamente em como essa contradição entre atender a demanda do mercado financeiro e a demanda popular, cairão nessa ideologia do regresso. Cairão no preconceito, no conservadorismo, e no valor moral religioso.

É importante ao final de toda essa argumentação do caráter religioso de todo o movimento que a extrema-direita se contribuiu, que a religião não é em si o problema, mas o fundamentalismo religioso, ou seja, enxergar a realidade a partir de uma ótica singular e literal da bíblia ou outros livros sagrados. Por isso chegamos numa categoria em certos questionamentos, onde está a simbologia desse movimento, ou seja, como eles se identificam, aí chegamos em uma categoria do problema que pode ser explicada a partir de um caráter semiótico.

CAPÍTULO 3: A semiótica enquanto método analítico da figura de Nikolas Ferreira

Tratamos diversas questões acerca da identidade, utilizando diversos conceitos no que diz respeito a ela e sua compreensão. Passando pela própria reflexão pós-modernista de Stuart Hall, compreendendo a melancolia descrita por Benjamin, a sociedade do cansaço descrita por

²³ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/depressao-e-ansiedade-entre-jovens-dobraram-durante-a-pandemia-revela-esquisa/>. Acesso em 7 de nov. de 2023

Byung Chul-Han, o desencantamento e esclarecimento em Adorno e Horkheimer, compreendendo esse fenômeno a partir da ótica da indústria-cultural e por fim utilizamos um paradigma histórico do materialismo de Mascaró.

Neste capítulo final, estaremos trazendo a abordagem mais filosófica sobre o problema, trataremos a semiótica em torno do fenômeno de Nikolas Ferreira, e seu processo de identificação com a juventude. A tônica aqui é entender que o processo de associação entre a consciência do sujeito (este o sujeito jovem conservador) a partir de uma compreensão dos signos que os cercam e as simbologias que se constroem.

Num primeiro momento, podemos nos perguntar porque estamos tratando essa categoria do pensamento só agora. Contudo, a semiótica é aqui uma ferramenta que irá incorporar os demais elementos tratados. Daí esta sua utilidade, ao tratar de uma ciência sobre os signos e significados, que de certo modo enquanto método, só faz sentido de ser se utilizada no tempo e espaço específico para sua análise. Ou seja, uma ciência de todas as coisas e, ao mesmo tempo, ela é uma ciência que visa pôr assim os detalhes e entrelinhas entre o dito não dito. Que apesar de ter se tornado um braço da linguística, é de certa forma muito eficiente para analisarmos fenômenos culturais e políticos.

Bom para tal trabalho utilizaremos a abordagem da autora Lúcia Santaella, que por sua vez faz uma reflexão em torno de Charles S. Peirce e a abordagem Peirceana da semiótica. Santaella nos define muito bem porque a semiótica é útil para, de modo geral, a investigação científica dos fenômenos, pois como ela mesmo afirma, é um terreno em constante mudança e investigação. “Esse é justamente o caso da Semiótica: algo nascendo e em processo de crescimento. Esse algo é uma ciência, um território do saber e do conhecimento ainda não sedimentado, indagações e investigações em progresso.” (SANTAELLA, 1983)

3.1 Considerações acerca do método semiótico

A semiótica, enquanto essa ferramenta científica, nos serve para análise dos símbolos, signos, índices e demais categorias semióticas acerca do nosso objeto de estudo, no caso a juventude brasileira em associação a figura de Nikolas Ferreira. Ao usar o pensamento peirceano a partir de Santaella iremos nesta seção identificar essas categorias a partir do fenômeno que estamos analisando.

“Em síntese: existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo.” (SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 2)

Assim ela continua:

“Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Enfim: todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p 2)

Logo, para nossa análise, o fenômeno e objeto que está em voga, passa a ser uma categoria que o seu entendimento não apenas, no âmbito discursivo, ou seja, daquilo que diz respeito à língua e as palavras, mas também toda sua estética e como se apresenta nos dão pistas de como elas também são um conjunto de signos que se apresenta.

Esses signos, por sua vez, são também uma ferramenta política, ao ser neles que acontece o processo de identificação do sujeito com o signo. Portanto, existem signos-chave, não somente nos seus discursos, mas por todo escopo de simbologias por ele utilizadas. Pois nelas se encontram peças-chave da forma como se apresenta ao mundo.

“De dois séculos para cá (pós-revolução industrial), as invenções de máquinas capazes de produzir, armazenar e difundir linguagens {a fotografia, o cinema, os meios de impressão gráfica, o rádio, a TV, as fitas magnéticas etc.) povoaram nosso cotidiano com mensagens e informações que nos espreitam e nos esperam. Para termos uma idéia das transmutações que estão se operando no mundo da linguagem, basta lembrar que, ao simples apertar de botões, imagens, sons, palavras (a novela das 8, um jogo de futebol, um debate político...) invadem nossa casa e a ela chegam mais ou menos do mesmo modo que chegam a água, o gás ou a luz.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 2)

Dessa forma Santaella continua:

“E claro que no sistema social em que vivemos estamos fadados a apenas receber linguagens que não ajudamos a produzir, que somos bombardeados por mensagens que servem à inculcação de valores que se prestam ao jogo de interesses dos proprietários dos meios de produção de linguagem e não aos usuários.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 2)

Aqui encontramos um entendimento chave nas reflexões de Santaella a partir da teoria de Peirce. O entendimento da linguagem enquanto a uma função social com um interesse envolvido em torno de seus signos muito bem estabelecido e direcionado, nosso entendimento atravessa o que entendemos como uma disputa dialética de sentidos.

“Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 2)

Logo é notório que todo o comportamento da base de Nikolas Ferreira, como ele próprio, fazem essas práticas significantes, operando coordenadamente para o entendimento

dessas práticas por suas bases, assim reproduzindo seu discurso conforme assim quer ser entendido.

Exemplo disso é o que tratamos aqui anteriormente, o fundamentalismo religioso, sendo uma categoria que podemos tratar a partir de um pensamento semiótico dela. Assim entendemos o fundamentalismo religioso, um conjunto de práticas significantes, que têm como resultante um olhar sob a realidade galgado a partir do pensamento religioso.

Esse pensamento, por sua vez, se constitui em um emaranhado de signos que se formam símbolos, sendo compreendidos a partir de sua ótica, gerando esse processo *ad Infinitum*. Dessa forma, é um processo que se retroalimenta, pois essas práticas significantes, fecham esse mundo a partir dessa compreensão de signos criados, logo assim se concebe o fundamentalismo religioso. Uma visão presa a partir dos signos religiosos e das práticas significantes de seus processos sociais.

3.2 Nikolas Ferreira enquanto um objeto semiótico

“Peirce conclui que tudo que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência. Em 1867, essas categorias foram denominadas: 1) Qualidade,- 2) Relação e 3) Representação. Algum tempo depois, o termo Relação foi substituído por Reação e o termo Representação recebeu a denominação mais ampla de Mediação. Mas, para fins científicos, Peirce preferiu fixar-se na terminologia de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, por serem palavras inteiramente novas, livres de falsas associações a quaisquer termos já existentes.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 7)

Dessa forma buscamos compreender os conceitos de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade no nosso objeto de estudo. Fazemos assim uma breve conceituação :

“Primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo. O azul de um certo céu, sem o céu, a mera e simples qualidade do azul, que poderia também estar nos seus olhos, só o azul, é aquilo que é tal qual é, independente de qualquer outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, primeiridade é um componente do segundo. Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei. Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva — o azul no céu, ou o azul do céu —, é um terceiro.” (SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 11)

Portanto, entendemos a primeiridade aqui enquanto esse elemento empírico com a realidade, no caso do nosso objeto, ou seja, a juventude em associação com Nikolas Ferreira,

se trata da experiência empírica dessa juventude para com sua figura. A secundidade já trata-se daquilo que entra no campo da factualidade da experiência, ou seja, todas suas contradições e dinâmicas materiais. A terceiridade se trata daquilo que seria a interpretação dessa juventude para com a figura de Nikolas Ferreira, morando aqui o seu processo de identificação.

Por se tratar da categoria do pensamento que mais nos diz respeito a terceiridade será aonde mais vamos nos ater, não somente por se tratar desse processo de identificação, mas por unir as outras duas categorias que tratam mais desse universo do empírico, portanto:

“Consciência não se confunde com razão. Consciência é como um lago sem fundo no qual as idéias (partículas materiais da consciência) estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão (pensamento deliberado) é apenas a camada mais superficial da consciência. Aquela que está próxima da superfície. Sobre essa camada, porque superficial, podemos exercer autocontrole e também, porque superficial, é a ela que nossa autoconsciência está atada. Daí tendermos a confundir consciência com razão. No entanto, se bem que a razão seja parte da consciência, ela não compõe, nem de longe, o todo da consciência.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 9)

Aqui Santaella, trata o elemento da consciência, mas diferenciando a consciência da razão, tratando assim a consciência como essa categoria mais ampla. Logo, o viés da interpretação de um signo passa por esse fenômeno e aí, portanto colocamos a categoria da inconsciência, onde se opera também todo esse processo ideológico de compreensão do signo. Tratamos, portanto essa interpretação como algo ideológico.

“Algumas das idéias de terceiridade que, devido à sua importância na filosofia e na ciência, requerem estudo atento são: generalidade, infinitude, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. Mas a mais simples idéia de terceiridade é aquela de um signo ou representação. E esta diz respeito ao modo, o mais proeminente, com que nós, seres simbólicos, estamos postos no mundo.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p.11)

Logo após ela continua:

“Diante de qualquer fenômeno, isto é, para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. E isto, já ao nível do que chamamos de percepção. Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 11)

Daí, portanto, nós entendemos esse processo de identificação. Ao compreender Nikolas como seus signos apresentados, isso é como ele é posto no mundo, esse jovem seguidor dessa figura o produz sentido a partir da sua interpretação da figura dele. Portanto, ao usar o discurso religioso, ele se torna um signo compreendido por outros signos, criando

esse sistema fechado em si mesmo concebendo assim o fundamentalismo religioso em sua acepção.

Logo aí temos a questão, que se o processo de signos é fechado em si mesmo, ele acabaria por ser determinante do pensamento, ou seja, ele seria imutável. Apesar dessa amarra forte, não podemos entender também esse processo como algo estático e imutável, afinal figuras surgem e somem também, se não acabaríamos por uma autocracia infinita a partir dessa interpretação.

Mas aí evocamos algo que Santaella já demonstrou, o caráter dinâmico dos signos, pois este processo pode ser feito de tal sorte que, a própria formação de novos sentidos se perca. Então não podemos entender também esse processo como isolado ao mundo externo, pois a consciência pode ser afetada a qualquer momento por um novo processo que:

“Em primeiro lugar, esses três possíveis estados da mente não podem ser entendidos como dados estanques. Disse Peirce: "Nenhuma linha firme de demarcação pode ser desenhada entre diferentes estados integrais da mente, isto é, entre estados tais como sentimento, vontade e conhecimento. É claro que estamos ativamente conhecendo em todos os nossos minutos de vigília e realmente sentindo também. Se não estamos sempre querendo, estamos pelo menos, a todo momento, com a consciência reagindo em relação ao mundo externo". Em suma: "o que em mim sente está pensando", diria depois Fernando Pessoa. Em segundo lugar, a camada do pensamento interpretativo, pensamento sob autocontrole, é apenas a camada mais superficial, mais à tona da consciência. Essa camada, no entanto, pode, a qualquer momento, ser quase que fendida, subvertida pela pregnância de uma mera qualidade de sentir ou pela invasão de um conflito: instâncias de um lampejo ou lapso de-tempo que fissuram a remessa incessante de signo a Signo da racionalidade interpretadora”.(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 11)

Por isso não se trata de um processo passivo do interlocutor afetado por esses signos, mas sim de um processo do qual Santaella não traz em suas discussões, mas uma disputa de significados em torno da própria condição do ser no mundo. Esses signos estão em constante conflitos na consciência por trazer esse aspecto de uma certa dinamicidade pois:

“Daí decorre o interpretante dinâmico, isto é, aquilo que o signo efetivamente produz na sua, na minha mente, em cada mente singular. E isso ele produzirá dependendo da sua natureza de signo e do seu potencial como signo. Por exemplo: há signos que só produzirão sentimentos de qualidade. Ao ouvirmos uma peça de música, se não somos conhecedores dos diferentes códigos de composição musical (o que nos levaria também a outros tipos de interpretação), a audição dessa música não produzirá em nós senão uma série de qualidades de impressão, isto é, sensações auditivas, viscerais e possivelmente correspondências visuais. É claro que podemos traduzir essas sensações numa pseudo-significação ou interpretante puramente emocional: alegria, tristeza, monotonia, mudança... Assim, aquele signo, dada a limitação do nosso repertório, não produzira em nós senão um interpretante dinâmico de primeiro nível, isto é, emocional.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 13)

Portanto, retornamos a essa dimensão dos afetos mobilizados por Nikolas aqui citado, e como qualificamos eles. Uma coisa que é bastante lógica de se afirmar é como Nikolas é

interpretado a partir de quem o lê, para aqueles que estão no lado político contrário a ele (como esse autor que vos fala), seus signos se manifestam de forma bem violenta, eles representam a misoginia, a lgbtfobia, o ultra-liberalismo, reacionarismo, classes dominantes, etc..

Já para aqueles que com ele se identificam, sua imagem se manifesta de forma bem mais dócil, pois ao associar-se por signos presentes no cotidiano dessas pessoas, ele não quebra uma barreira mundana para com seu interlocutor. Por isso, por exemplo, estes signos de família, religião, se tornam, na verdade, um alicerce comum do mundo de signos entre o ele e o interlocutor, criando esse processo de identificação para com os dois.

Logo, dessa forma ele se manifesta com uma qualidade, ou uma experiência empírica positiva. Daí que se dá a função do humor presente em sua comunicação, pois esse humor trata-se de uma percepção dos signos, por uma ferramenta positiva que identifica esse sujeito nesse mundo comum, porém irônico do humor.

3.3 A construção simbólica de Nikolas ferreira:

Nesta seção passamos a entender o esses processos significantes tendo como produtos também símbolos, que por sua vez são produto da relação desse mundo comum entre signo e sujeito. Logo, trata-se de um processo não individual, mas coletivo de significação, passando por uma certa consciência coletiva universal sobre o processo.

Dessa forma, retornamos a esse pensar desse processo fechado em si mesmo, mas, na verdade parte da compreensão de como ele se fecha nesse mundo que universaliza e essencializa as simbologias.

“Daí que os símbolos sejam signos triádicos genuínos, pois produzirão como interpretante um outro tipo geral ou interpretante em si que, para ser interpretado, exigirá um outro signo, e assim ad infinitum. Símbolos crescem e se disseminam, mas eles trazem, embutidos em si, caracteres icônicos e indicais. O que seria de uma frase, por exemplo, sem o diagrama sintático, ordem das palavras, padrão de sua estrutura, isto é, justamente seu caráter icônico que nos leva a compreendê-la? O que seria de uma frase, sem índices de referências? Esses caracteres, contudo, estão embutidos no símbolo, pois o que lhe dá o poder de funcionar como signo é o fato proeminente de que ele é portador de uma lei de representação.” (SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 15)

É evidente que por mais abstrato que pareça o pensamento apresentado, ao trazermos para materialidade, percebemos que, na verdade esse raciocínio pode ser utilizada em dinâmicas mais complexas, pois se utilizamos signos para explicar outros signos, que por sua vez geram símbolos; ao transportamos para o universo político compreendemos que esse processo, de interpretantes que produz outros interpretantes em si e assim *ad infinitum*,

como ele, Nikolas, se apresenta, produz significado, mas utiliza de outras simbologias para sustentar a sua própria, essas colocadas nos símbolos de família, religião e a uma oposição à esquerda.

Tudo isso constrói sentido, e se amarra pela materialidade ou fragmentos dela por assim ser, pois essa a partir dos signos também é um sentido de disputa dela, portanto a construção simbólica do fenômeno de Nikolas se dá nessa disputa de sentido da própria realidade.

“[...]o símbolo, por sua vez, faz deslanchar a remessa de signo a signo, remessa esta que só não é para nós infinita, porque nosso pensamento, de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, está inexoravelmente preso aos limites da abóbada ideológica, ou seja, das representações de mundo que nossa historicidade nos impõe.”(SANTAELLA, Lúcia, 1983, p. 15)

Ou seja, aqui ela demarca muito bem onde estão os limites do estudo dos signos, preso a seu tempo histórico e sua abóbada ideológica. Logo se torna evidente que Nikolas e sua simbologia são concebidos em seu tempo histórico, apesar de notarmos algumas leituras de que seu discurso mira em um retrocesso histórico, que de fato o é, ele só é possível a partir desse tempo histórico em que ele é produzido.

Isso nos acaba em uma leitura específica da semiótica, numa leitura temporal dos signos, pois o que nos interessa tem um quadro de tempo muito determinado. Fazendo que a partir dessa análise nós não encontremos apenas respostas, como esse processo de compreensão dos signos, que caem num processo de identificação entre sujeito objeto, entre interlocutores presentes. Mas também nos faz levantar hipóteses sobre o nosso tempo.

Em uma fase anterior do tempo que aqui estamos tratando, o Brasil vivia um período de recordes econômicos²⁴, e um grande avanço na área social. Entretanto, esse panorama se mostrou facilmente desmontável, como desenvolvido no último capítulo deste escrito, e o Brasil também viu no mesmo período uma expansão do número de evangélicos²⁵. Saliento aqui novamente, a questão aqui não é a religião em si, mas o fundamentalismo religioso, enquanto construtor de práticas significantes de uma determinada população. Fugiremos, portanto, de generalizações quanto às religiões de modo geral. Entretanto, parte do

²⁴ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101227_eralula_economia. Acesso: em 18 de nov. de 2023

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-entre-2000-e-2010-a-ponta-censo.html#:~:text=O%20Censo%20revelou%20uma%20mudança,fiéis%20diminuiu%20na%20última%20década>. Acesso em: 18 de nov. de 2023

crescimento dessas igrejas evangélicas, também está o crescimento de igrejas que carregam consigo essas práticas significantes do fundamentalismo religioso.

Exemplo disso é a citada aqui Igreja Batista de Lagoinha, que viu seu número de fiéis saltar depois do grupo “Diante do Trono” do qual o anteriormente citado André Valadão fazia parte em 1998 data da explosão de popularidade do grupo. Hoje, com muito mais estrutura, opera esse discurso político, a partir destes signos do fundamentalismo religioso, ou seja, a questão moral e seus signos a partir do fundamentalismo religioso.

Desenvolvemos um argumento de Santaella, utilizado no início deste capítulo, os signos enquanto ferramentas ideológicas da indústria cultural, por sua vez em função dos proprietários dos meios de produção e comunicação. Dessa forma entendemos aqui a família Valadão como proprietária desses meios da indústria cultural da Fé, com todo estes aparatos de comunicação (TV, rádio, redes sociais, música), mas também criando práticas significantes, ou seja, acarretando sua simbologia. Nikolas por sua vez, membro dessa igreja, político e líder na igreja, defende os interesses dela. Tornando assim toda uma simbologia que esse jovem se identifica.

Não à toa em seu Instagram a imagem que utilizou para comemorar sua vitória nas urnas da eleição de 2022²⁶, é uma camiseta com as cores do Brasil e um brasão da marca fé de André Valadão²⁷ com a seguinte legenda: “O Dep. Federal mais votado da história de Minas é cristão e conservador. E esse ano, o mais votado do Brasil: 1.5 milhões de votos. Devo toda minha lealdade a vocês.” Também a de se notar a diversa presença de jovens nesta foto.

Portanto, a hipótese aqui que os trago é, se todo esse fenômeno é fruto de seu tempo, essa ideia de retrocesso é aplicável, pois não viveríamos, portanto, um tempo em que esse retrocesso é reconhecido como um próprio progresso do capitalismo? Seria essa simbologia que de certa forma se positiva dentro dessas populações jovens, que estão indo em uma contramão a uma ideia de futuro no avanço, não enxergasse, na verdade, o avanço de suas próprias pautas?

Portanto, o que nos interessa aqui, talvez, não seja chegar a um lugar de uma resposta, mas indicar caminhos, para outra realidade, para um universo um pouco menos contraditório da realidade, para uma construção de signos e símbolos que talvez tenham por si valores mais

²⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjPBljXoZyd/>. Acesso em: 18 de nov. de 2023

²⁷ Disponível em:

https://www.facebook.com/andrevaladaooficial/posts/2370525199677637/?locale=pt_BR. Acesso em: 18 de nov. de 2023

arraigados num sentido de comunidade não violenta com grupos minoritários e menos enraizada em interesses desses grandes conglomerados da fé.

CONCLUSÃO

Por fim caminhamos para a conclusão deste trabalho, todavia reservamos aqui um espaço de retomada de seu desenvolvimento. Primeiramente analisamos o conceito fundante desse trabalho, a identidade, a partir de uma concepção da crise da identidade, associamos esse conceito com o objeto em questão, uma juventude conservadora, que presa numa melancolia dita por benjamin, acaba por cair neste terreno da ideologia sedutora do progresso, que se manifesta de forma positiva como descrita por byung chul han.

Continuamos, a partir de Adorno e Horkheimer em suas reflexões sobre o encantamento e desencantamento com o mundo, a categoria do esclarecimento. Mergulhando pela obra frankfurtiana, usando o conceito da indústria cultural, compreendemos a operação ideológica, a partir de meios de produção de um monopólio comunicativo, esse monopólio no nosso estudo tem um caráter específico da religião, se concebendo como uma indústria cultural da fé. Colocando esse ideal enquanto um consumo.

Depois viajamos através do olhar materialista de Alysson Mascaro, suas reflexões acerca da ideologia, da condição de crise do capitalismo, e de como chegamos até aqui. Portanto, operando por uma crítica ao fascismo, reconhecendo o fenômeno enquanto um movimento fascista, paramos a reflexão em direção a raiz estrutural do problema, morando em uma compreensão do nosso tempo histórico a partir do capitalismo.

Ademais, compreendemos assim o problema a partir de uma ótica semiótica ditada por Lúcia Santaella e seu pensamento de raiz peirceana, mas não renunciando a uma reflexão em torno do seu pensamento a partir de bases materialistas. Entendendo assim, portanto como um fenômeno de categoria semiótica tentando o compreender a partir dos olhos da semiótica. Tudo isso amarrado no entendimento de seus processos de identificação, da identificação dos sujeitos a partir dessa perspectiva dos signos morais, produzidos pelo fundamentalismo religioso. Estabelecido a partir de uma realidade em que outros espaços de socialização vão perdendo sentido e se esvaindo tomados pelo capital, mobilizando afetos a favor deste mesmo, que avança mesmo em crise, sem ser construída uma alternativa de mundo palpável.

É evidente que por mais que nosso objeto de estudo seja Nikolas Ferreira, nos utilizamos dele para abordar outro aspecto da vida, visto que sua figura poderia ser

preenchida por qualquer outra pessoa de igual equivalência, mudando apenas as suas qualidades, isso é as características de mobilização social que essa figura acarreta para com a juventude.

Quando tive a concepção deste trabalho, a minha ideia passava a partir de um entendimento da vida empírica, que parte do grupo ao qual pertenço, se via sem alternativas, não há um grande movimento unificado com uma causa muito bem estabelecida e coesa que nos una. Isto nos leva a uma certa apatia com a vida coletiva, pois na coletividade não se vê saída, pois está por sua vez nunca deixou foi tão desnutrida de coletividade. Fazendo assim voltarmos a nós mesmos e nas necessidades imediatas do dia a dia, trabalho, emprego, subsistência, etc. Criando assim essa não vida, essa vida sem tempero, sem aventuras e tomada por uma certa posição confortável do consumo e da busca pelo “sucesso”.

Ora, não posso culpar alguém por essa busca incessante pelo conforto, quando somos bombardeados por tragédias, pela realidade da desigualdade, pela incerteza pelo futuro, é de uma natureza lógica que nos atentamos a atender nossas necessidades imediatas. Entretanto, essa falta de sentido de ser, essa ultra-individualidade é algo que sempre me incomodou dentro desse aspecto na convivência com meus iguais. A partir de algo que escuto da minha mãe desde criança que o jovem cada vez mais está ficando “careta”.

Daí que mora a reflexão em torno deste trabalho, é um clamor rebelde, um chamado para ação, um reconhecimento de uma realidade que pode e deve ser mudada, mas não como uma solução, mas sim entendemos que a solução está na coletividade da nossa classe, na solidariedade e na construção de uma luta popular que busque uma certa justiça em tempos tão perversos com o pensamento daqueles que advogam por uma justiça social, liberdade e para finalmente vivermos o que realmente somos.

Somos um povo que, em suas diversas camadas, foi espremido, oprimido, sofrido e mais tantos outros idos que poderíamos continuar. Mas mesmo assim, ousamos por criar ainda defensores das liberdades, do amor, da diversidade e pelo fim deu tudo isto que está aí. Poderia, sim, fazer esse exercício individual e arrogante de apontar soluções, dizer o que deve ser feito e praticamente assim me tornar um autocrata. Isso nos faria entender que talvez o problema não são as instituições que estão em crise, mas sim o seu gestor. É pela negação dessa perspectiva que não posso fazê-lo, pois a saída é coletiva e não deve ser ditada por um autocrata. E as instituições são o problema e não quem as gere.

Portanto, faço aqui minha indicação de caminhos, mas talvez esses caminhos já estejam sendo colocados a mais de séculos, contudo nem eles mesmos têm certeza diante do futuro:

“No dia seguinte estava chovendo, e eu pensei: “Que ótimo, não vai aparecer ninguém”. Mas, para minha surpresa, o auditório estava lotado. Perguntei: “Mas todo esse pessoal está no metrado?”. Meus amigos disseram: “Que nada, alunos do campus todo estão aqui querendo saber essa história de adiar o fim do mundo”. Eu respondi: “Eu também”. (KRENAK, Ailton, 2019 p. 9)

Aqui façamos então o ponto de partida de caminhos, como adiar o fim do mundo, o perigo que vivemos no nosso tempo histórico e como evitar ele é a famosa pergunta sem solução, que quem a tiver poderia receber um prêmio por tamanho acerto. Mas é nessa descrença com a vida que moram nossos maiores desânimos com a realidade distanciando da plenitude de possibilidades da vida. Com um grande impeditivo como Krenak bem indica:

“Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter.”(KRENAK, Ailton, 2019 p. 11)

Aí também está nossa questão, como enfrentar essas megacorporações que cada dia mais estão presentes, avançando seu projeto neoliberal diante da vida cotidiana, restando poucos espaços que escapamos de suas garras. O grande objetivo dessas companhias, ou melhor, de seus donos, os donos do dinheiro é que a cada ação que façamos os tornem mais ricos e poderosos. Devemos a todo custo rejeitar essa ideia.

Como escapar dessa lógica que o capital impõe sobre nós? A resposta podemos não ter, mas o caminho está nessa construção de uma coletividade, de um sentido de ser coletivo, harmonioso, coeso, que compreenda e leve essa juventude perdida para espaços que ela perdeu o acesso devido a este capital.

Para isso é preciso então criar esse universo de relações de cooperação, de unidade com a terra. O caminho pode parecer muito cheio de pedras, pois seus obstáculos não estão lá por uma razão de simplesmente estarem, mas são colocados para dificultar essas alternativas transformadoras da realidade.

“Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. José Mujica disse que transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos. E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes.”(KRENAK, Ailton, 2019, p. 12)

É preciso então subverter essa lógica de se criar consumidores, pois aí que mora toda a frustração instalada da juventude com a realidade. Como trabalhado aí é no desmonte de

suas perspectivas de futuro, na não concretização de seus anseios, que esta juventude mobiliza seus afetos em torno de seus “inimigos”. É preciso de uma transformação permanente, não um estado de bem-estar-social desmontado com qualquer vento de neoliberalismo, é preciso que justamente esses ventos se cessem.

Pois é essa realidade violenta, que constrói e nos bombardeiam nosso cotidiano que deve ser rejeitada. É preciso que se crie uma nova cultura, que conserve os nossos saberes ancestrais enquanto sociedade, que mobilize nossos afetos em torno de um bem comum coletivo. Pois apenas o povo salvará o próprio povo e apenas a juventude irá salvar ela mesma, nós aqui depositamos nossa fé na juventude.

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover.”(KRENAK, Ailton, 2019 p. 13)

Por isso é preciso encontrar essa canção na juventude, a que faça chover, a que encontre com nossa criatividade, nossa potência de ser. Experimentar o prazer de estar vivo, mas não esse prazer isolado e momentâneo, mas sim esse prazer pleno, que permanece, dura, é sólido, concreto, nos faz sentir. Isso não é uma tecnologia nova, mas muito antiga, talvez ignorada por muito tempo:

“Eu não inventei isso, mas me alimento da resistência continuada desses povos, que guardam a memória profunda da terra, aquilo que Eduardo Galeano chamou de Memória do fogo. Nesse livro e em As veias abertas da América Latina, ele mostra como os povos do Caribe, da América Central, da Guatemala, dos Andes e do resto da América do Sul tinham convicção do equívoco que era a civilização. Eles não se renderam porque o programa proposto era um erro: “A gente não quer essa roubada”. E os caras: “Não, toma essa roubada. Toma a Bíblia, toma a cruz, toma o colégio, toma a universidade, toma a estrada, toma a ferrovia, toma a mineradora, toma a porrada”. Ao que os povos responderam: “O que é isso? Que programa esquisito! Não tem outro, não?””. (KRENAK, Ailton, 2019 p. 14)

Daí Krenak continua:

“Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos.” (KRENAK, Ailton, 2019 p. 14-15)

Por isso insisto, o caminho está na nossa própria sociedade, em valores que estão aqui há muito tempo. Aqui estão valores, que estão respirando por aparelhos, entretanto estão apenas adormecidos esperando para serem retomados. Daí que se vivemos num mundo que se consegue conceber mais o fim dele, do que sua transformação, façamos aqui o ato de sonhar essa transformação.

Pois é no sonho, esse universo sensível, de acesso cotidiano que mora nossas próprias ansiedades, anseios e desejos. Esse sonho parece palpável, pois deve ser, é um ato por si só o começo de uma verdadeira revolução, uma revolução de sonhos. Pois é isso que essa máquina da ideologia nos tira de mais precioso, a capacidade de conceber outros mundos possíveis, ou talvez mundo que já foram concretos, e esses saberes estão adormecidos na nossa ancestralidade.

“O tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno. O entorno de um caçador, por exemplo, é aquele que aparece nos desenhos das cavernas de 20 mil, 30 mil anos atrás. Os sonhos de alguém que está hoje preocupado com cataclismas, com a tragédia ambiental do planeta, podem ser mais parecidos com os de um pajé Xavante, como aquele que me chamou, quarenta anos atrás, na Serra do Roncador. Ali, próximo ao Xingu, na terra indígena Pimentel Barbosa, vivia um senhor chamado Sibupá. Um dia, esse ancião chamou seus sobrinhos de adoção — eu entre eles — e nos disse: “Eu tive um sonho em que o espírito da caça estava muito bravo e dizia que eu era um irresponsável, que eu não estava cuidando bem dos espíritos dos bichos, que os waradzu (os brancos) estavam predando tudo e logo acabaria a caça e as pessoas não teriam mais o que comer”. Na visão daquele pajé, que os jovens foram convocados a partilhar, a terra ficaria desolada.” (KRENAK, Ailton, 2020 p. 22)

Continuando Krenak nos provoca:

“Foi ali que eu atinei que tinha algo na perspectiva dos povos indígenas, em nosso jeito de observar e pensar, que poderia abrir uma fresta de entendimento nesse entorno que é o mundo do conhecimento. Naquele tempo eu comecei a visitar as florestas do Acre, de Rondônia, e, por todos os lados, os pajés diziam: “Vocês precisam tomar cuidado porque o mundo dos brancos está invadindo a nossa existência”. Invadindo.” (KRENAK, Ailton, 2020 p. 23)

Esse sonho de premonição ele apesar de contar de uma triste realidade, que não foi impedida de ser concebida, os povos originários compartilham desse saber, a solução está entre eles mesmo, na sua própria sabedoria. Diante de todo horror que a branquitude — aqui entendemos branquitude enquanto esse conjunto de práticas racistas — os povos tradicionais se voltam para si, pois sabem que a culpa não é deles, mas de um inimigo que o quer invadir. Portanto, é preciso subverter a lógica:

“Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão. Eles dizem língua nacional. Nós dizemos tradução multicódigo. Eles dizem dominar a periferia. Nós dizemos mestiçar o centro. Eles dizem dívida. Nós dizemos cooperação sexual e interdependência somática. Eles dizem despejo. Nós dizemos habitemos em comum. Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multiespécies. Eles dizem diagnóstico clínico. Nós dizemos capacitação coletiva. Eles dizem disforia, transtorno, síndrome, incongruência, deficiência, menos-valia. Nós dizemos dissidência corporal. Um tecnexamã da Pocha Nostra vale mais que um psiconegociante neolacaniano, e um fisting contrassexual do Post-Op é melhor que uma vaginoplastia protocolar. Eles dizem autonomia ou tutela. Nós dizemos agência relacional e distribuída. Eles dizem engenharia social. Nós dizemos pedagogia radical. Eles dizem detecção precoce, terapia genética, melhoramento da espécie. Nós dizemos mutação molecular anarcoliberal. Eles dizem direitos humanos. Nós dizemos a Terra e todas as

espécies que nela habitam também têm direitos.” (PRECIADO, B. Paul, 2019, p. 42)

Preciado por sua vez, nos convida a pensar nessa subversão, que cria um sentido de ser uma plenitude. Ao negar o discurso *mainstream*, ele nos convida, em sua odisseia trans feminista queer a pensar esse mundo onde os perdedores têm voz. Pois é nessa acepção de que somos, na verdade perdedores, que nos encontramos unidade, eis aqui a perspectiva em falta atualmente, aí fica a questão como nos tornar vencedores?

“Eles fazem guerra econômica contra nós a golpes de machete digital neoliberal. Mas nós não vamos chorar o fim do Estado de bem-estar social, porque o Estado de bem-estar social também tinha o monopólio do poder e da violência e vinha acompanhado do hospital psiquiátrico, do centro de inserção para deficientes, da prisão, da escola patriarcal-colonial-heterocentrada. Chegou a hora de submeter Foucault a uma dieta deficiente-queer e começar a escrever A morte da clínica. Chegou a hora de convidar Marx para um ateliê ecossexual. Não queremos véu nem a proibição de usá-lo: se o problema é o cabelo, vamos raspá-lo. Não vamos entrar no jogo do Estado disciplinar contra o mercado neoliberal. Os dois já chegaram a um acordo: na nova Europa, o mercado é a única razão governamental, o Estado converte-se num braço punitivo cuja única função será recriar a ficção da identidade nacional agitando a ameaça da insegurança.” (PRECIADO, B. Paul, 2019, p. 43)

Assim que Preciado nos convida a uma negação dos valores impostos pela sociedade de mercado. Valores esses presentes na maioria da vida cotidiana. Enquanto permanecemos no piloto automático, o avanço do capital continua, quando ele avança cada vez mais vai dominando nossas subjetividades, estas que por sua vez é onde moram nossas potencialidades.

“Não queremos nos definir nem como trabalhadores cognitivos nem como consumidores farmacopornográficos. Não somos Facebook, nem Shell, nem Google, nem Nestlé, nem Pfizer-Wyeth.” (PRECIADO, 2019) Bom Preciado atenta do que não podemos ser, isso é uma categoria muito importante. Entretanto, precisamos nos convidar a sonhar o que podemos ser, como experienciar essa verdadeira vida, contemplativa. É essa capacidade que a juventude perdeu, a capacidade de imaginar o que podemos ser, o que queremos ser, mas só terá esse aprendizado, quando voltar a ela mesma num sentido coletivo da existência, pois só tem razão de ser se isso for a partir de uma consciência coletiva de sujeitos.

“Isso que as ciências política e econômica chamam de capitalismo teve metástase, ocupou o planeta inteiro e se infiltrou na vida de maneira incontrolável. Se quisermos, após essa pandemia, reconfigurar o mundo com essa mesma matriz, é claro que o que estamos vivendo é uma crise, no sentido de erro. Mas, se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, precisaremos admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito. Senão, seria como se alguém quisesse ir ao pico do Himalaia, mas pretendesse levar junto sua casa, a geladeira, o cachorro, o papagaio, a bicicleta. Com uma bagagem dessas ele nunca vai chegar. Vamos ter que nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui. E nós ansiamos por essa novidade, ela é capaz de nos surpreender. Terá o sentido da poesia de Caetano Veloso na música “Um índio”:

nos surpreenderá pelo óbvio. De repente, vai ficar claro que precisamos trocar de equipamentos. E — surpresa! — o equipamento que precisamos para estar na biosfera é exatamente o nosso corpo.” (KRENAK, Ailton, 2020 p. 26)

Precisamos recuperar esse sonho coletivo, de habitarmos uns aos outros de formas harmoniosas, valorizando as diversas maneiras de ser neste mundo, de se conceber nesse mundo. É preciso, portanto reconhecer esse caminho nessas alternativas de formas de socialização humana.

Ela pode se materializar em diversos universos, os universos da cultura, das artes, esse imaginário constante, que nos permite usar nossa capacidade criativa e crítica, de pensar o nosso tempo, mas antes de tudo de pensar nos mesmos. Pode também surgir a partir de uma diferente relação com a terra, com a comida, com o modo que vivemos e sobretudo com o tempo. Tempo esse assaltado de nós, atolados nessa vida do trabalho. Eliminando categorias como esporte, por exemplo, que hoje é assaltado a se mostrar um entretenimento pelo capitalismo, e não um bem público comum.

O que convido a pensar, é como essas formas de sociabilidade, são tiradas dos jovens, a própria espiritualidade é assaltada a modo de que seu exercício é visto a partir de uma noção neoliberal de espiritualidade. A falta de arte na nossa vida, eliminada pela grande máquina da indústria cultural. A falta de uma cultura montada por nós e não a serviço dos grandes conglomerados.

Precisamos conceber esses novos tipos de relação, pois temos que entender essas categorias, que por mais secundárias que sejam num sentido de vida como subsistência, elas sim representam o que é viver, pois nelas desenvolvemos nossas subjetividades, nossos gostos, amores e demais afetos.

Isso tanto é verdade, que se fosse por um caráter meramente lógico, a produção de ração para humanos em larga escala, resolveria assim o problema da fome. Mas temos outras fomes, pois não queremos apenas ração, nossa relação com a comida vai além disso, nossa comida é cultura, ela contém afeto, diz de onde nós viemos, ou seja, carregam em si nossas subjetividades, nossas histórias.

Então termino este trabalho com uma citação que traz uma proposta desse novo ser no mundo, desse mundo dos sonhos, que se imaginam novos cenários, uma nova relação. Não fazendo o exercício confortável de não tocar nas nossas duras feridas que temos com a realidade, mas enfrenta nossas contradições e faz um convite para essa utopia, pois serve para não deixarmos de sonhar, para que assim possamos ampliar nosso horizonte e criar essa esperança mobilizadora e promissora.

“Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora.” (KRENAK, Ailton, 2020 p. 27)

É preciso portanto habitar esses tecidos dos sonhos e das possibilidades, para que então possamos cantar, dançar e fazer chover.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

.KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019 Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7665983/mod_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf

67% dos estudantes de 15 anos do Brasil não sabem diferenciar fatos de opiniões, afirma relatório da OCDE. Disponível em:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/06/67percent-dos-estudantes-de-15-anos-do-brasil-nao-sabem-diferenciar-fatos-de-opinioes-afirma-relatorio-da-ocde.ghtml>.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A dialética do Esclarecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. ISBN 978-85-378-1202-0. Ebook 274p.

André Valadão. Disponível em : https://pt.wikipedia.org/wiki/André_Valadão

Belo Horizonte aprova lei que proíbe uso de pronome neutro em escolas. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/belo-horizonte-aprova-lei-que-proibe-uso-de-pronome-neutro-em-escolas/>.

Como Nikolas Ferreira virou popstar e adjetivo na Igreja Batista da Lagoinha, UOL, 15. jul 2023 Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/politica/2023/07/15/como-nikolas-ferreira-virou-popstar-e-adjetivo-na-igreja-batista>.

CRUZ, B. et al. **A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall -11"** edição. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf.

Era Lula chega ao fim com emprego recorde e risco inflacionário. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101227_eralula_economia.

FERREIRA, Nikolas. **O cristão e a política: Descubra como vencer a guerra cultural**. São Paulo: Editora Vida. 2ª edição. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=onXYEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=O+cristão+e+a+política+nikolas&ots=1rrx7FxmHv&sig=4R17p_--Wc3QOFrmG0kWDsPxGgQ#v=onepage&q&f=false

HAN, Byung-Chun. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 91 p.

HIRABAHASI, F. P., Luciana Amaral, Gabriel. **Nikolas Ferreira veste peruca na Câmara e diz: “Mulheres estão perdendo espaço para homens que se sentem mulheres”**. Disponível

em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-veste-peruca-na-camara-e-diz-mulheres-estao-perdendo-espaco-para-homens-que-se-sentem-mulheres>>.

Igreja Batista da Lagoinha. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Batista_da_Lagoinha>

Jovens conservadores: Pesquisa mostra maior rejeição a homossexuais e feminismo.

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/jovens-conservadores-pesquisa-mostra-maior-rejeicao-a-homossexuais-e-feminismo-10567341.ghtml>>.

Jovens têm se preocupado mais com o futuro, diz deputado federal mais votado do país

[LIVE CNN. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yAqpEuPHfZI>>.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020

MASCARO, Alysson. **Crítica ao Fascismo.** São Paulo: Editora Boitempo, 2022

MASCARO, Alysson. **Crise e golpe.** São Paulo: Editora Boitempo, 2018

Nikolas Ferreira é condenado por transfobia contra Duda Salabert e terá que pagar

indenização de R\$ 80 mil. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/nikolas-ferreira-e-condenado-por-transfobi-a-contraduda-salabert-e-tera-que-pagar-indenizacao-de-r-80-mil.ghtml>>.

Nikolas Ferreira. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolas_Ferreira>.

O que explica multiplicação de templos evangélicos no Brasil. BBC, 12 jul. 2023.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>

p. 1-12, 2016. Disponível em:

PACHECO, L. P., Ronilso. **Você precisa conhecer os Valadão, família por trás da**

Lagoinha. Disponível em:

<<https://www.intercept.com.br/2023/07/19/lagoinha-conheca-familia-valadao-cla-por-tras-da-igreja/>>.

PAULO KLIASS. **O governo entre austeridade e novo projeto nacional - Outras Palavras.**

Disponível em:

<<https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/o-governo-entre-austeridade-e-novo-projeto-nacional>>.

PAULO, A. S. **Número de evangélicos aumenta 61% entre 2000 e 2010, aponta Censo.**

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-tre-2000-e-2010-aponta-censo.html#:~:text=O%20Censo%20revelou%20uma%20mudan>>

Por que a juventude brasileira está se tornando cada vez mais evangélica | Matheus Leitão. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-a-juventude-brasileira-esta-se-tornando-cada-vez-mais-evangelica>>.

PRECIADO, B. Paul. **Um apartamento em Urano. Crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RANGEL, M. de M. **Melancolia e história em Walter Benjamin. Ensaio Filosófico**, v. 19, Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/11_RANGEL_Ensaio_Filosofico_Volume_XIV.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2023

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Editora Brasiliense, 1983. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/258550/mod_resource/content/1/oquesemiotica-luciasantaella-130215170306-phpapp01.pdf